



CARLOS CHIMPÉN E SOLEDAD SAGRADO

A base para a resolução de divergências é enxergá-las com algo positivo

EXEGESE

Uma interpretação alternativa para os "espíritos em prisão" de 1 Pedro 3:18 a 22

IGREJA

Compreendendo a mordomia cristã em seus aspectos mais amplos

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Exemplar avulso: R\$ 16,28



A ARTE DA PAZ

O pastor e os desafios da administração de conflitos

SET-OUT • 2019





ENSINE TEMAS TEOLÓGICOS
COMPLEXOS DE FORMA EQUILIBRADA.



MKT CPB | Fotolia

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



Ministério da conciliação

“Conflitos são um fato onipresente na nossa vida, e a negociação é a principal ferramenta para resolvê-los de forma construtiva.” O autor dessa afirmação, William Ury, é um dos mediadores mais conceituados do mundo. Ao longo de sua carreira, ele participou como consultor em alguns cenários muito complexos, como a negociação entre o governo da Colômbia e as FARC, a conciliação entre etnias no Oriente Médio e a resolução de impasses comerciais envolvendo grandes corporações.

Infelizmente, a história do mundo é permeada pelos conflitos desde a entrada do pecado. Discórdias familiares, brigas pelo poder e lutas entre povos são alguns exemplos encontrados no Antigo Testamento. No Novo Testamento, com o foco voltado para o nascimento do cristianismo, o retrato não é diferente. Uma olhada rápida nas cartas de Paulo indica o clima tenso que algumas igrejas experimentavam no período apostólico. Certamente você já vivenciou, ou talvez esteja vivenciando, algum conflito em seu ministério. Divergências doutrinárias, disputas internas na congregação e desavenças nos lares dos membros são algumas situações que os pastores enfrentam no cotidiano.

Mediar conflitos e propor soluções justas e equilibradas são desafios que só podem ser vencidos com muita sabedoria. Aliás, Salomão foi amplamente reconhecido como rei sábio a partir de sua postura em uma circunstância muito complicada (1Rs 3:16-28). Em seus provérbios, ele compartilhou algumas dicas fundamentais para quem deseja ser bem-sucedido na arte da conciliação.

Peça sabedoria a Deus. “Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da Sua boca vem a inteligência e o entendimento” (Pv 2:6). Não é fácil lidar com situações conflituosas no contexto da igreja. São muitos fatores em jogo, e qualquer movimento equivocado pode lançar descrédito ao evangelho e redundar em perdas para o reino de Deus. Por isso, ninguém deveria ousar se colocar como conciliador sem reconhecer que somente revestido da sabedoria do Alto poderá ter sucesso nessa tarefa.

Ouçá. “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Pv 18:13). Ser bom ouvinte é uma característica essencial para quem deseja ter êxito ao administrar conflitos. Alguns líderes falham ao se expressarem antes de entender todas as faces de uma divergência.



Mediar conflitos e propor soluções justas e equilibradas são desafios que só podem ser vencidos com muita sabedoria.”

Nesse caso, uma parte poderá se sentir favorecida e endurecer sua reivindicação, enquanto a outra poderá assumir uma postura defensiva e se fechar para uma solução. Ao ouvir com atenção, o conciliador se coloca em uma posição imparcial que estimula a abertura de ambas as partes para construir a melhor saída para todos.

Fale com prudência. “O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Pv 15:23). Depois de ouvir os envolvidos na discussão, o conciliador deve apresentar de forma clara, ponderada e calma suas observações imparciais a respeito do dilema. Ele deve ser um facilitador no debate, minimizando os ruídos de comunicação e maximizando os pontos de convergência entre as partes. Lembre-se de que “a palavra dura suscita a ira”, mas “a resposta branda desvia o furor” (Pv 15:1).

Seja paciente. “Melhor é o longânimo do que o herói da guerra, e o que domina o seu espírito, do que o que toma uma cidade” (Pv 16:32). Administrar as emoções em meio a uma discussão não é tarefa simples, mas o conciliador precisa exercitar essa habilidade. No calor do debate as partes podem agir de maneira incompreensível ou hostil entre elas e também contra o negociador. Nessa condição, ele deve demonstrar domínio próprio para “esfriar” a contenda e levar os litigantes novamente à racionalidade.

Aja como um pacificador. “Há fraude no coração dos que maquinam mal, mas alegria têm os que aconselham a paz” (Pv 12:20). Ser conciliador é trabalhar para diminuir a divergência e promover a reconciliação entre as partes. Para um ministro, ver que um conflito em sua jurisdição foi resolvido traz enorme satisfação, pois significa que as iniciativas do maligno foram neutralizadas, e o foco e empenho dos envolvidos poderão ser novamente empregados para cumprir a vontade de Deus.

Sun Tzu, militar e filósofo chinês do 6º século antes de Cristo, ficou conhecido por seu livro *A Arte da Guerra*. Como pastores cristãos, nosso desafio no século 21 é escrever dia a dia em nosso ministério a arte da paz. 



William de Moraes

Wellington Barbosa,
doutorando em Ministério,
é editor da revista Ministério

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.

Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.

Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos, educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.

- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.

Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).
- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



PASTOR ADVENTISTA

Conheça o novo portal do pastor

www.pastoradventista.org



Atualização semanal

- Artigos
- Esboços de sermões
- Download de materiais Ass. Ministerial e Evangelismo
- Material Apologético
- Recomendações de livros
- Revistas
- Biblioteca de estudos bíblicos
- Transmissões de eventos teológicos
- Banco de imagens e templates de Power Point

10 Teólogos em conflito

Denis Kaiser

Lições da história adventista sobre como administrar divergências doutrinárias

14 O pacificador

Erico Tadeu Xavier

Dicas para gerenciar conflitos na igreja local

18 Espíritos em prisão

Edcarlos Meneses e Kim Papaioannou

Uma interpretação alternativa para 1 Pedro 3:18 a 22

22 Mais do que dinheiro

LeRoy E. Froom

A mordomia cristã em seus aspectos mais amplos

26 A propiciação da ira divina e o amor de Deus

Isaac Malheiros

A relação entre expiação e propiciação na dinâmica da salvação

30 Chaves para o crescimento

Heber Toth Armí

Os ingredientes fundamentais para a expansão da igreja



10

3 Editorial

6 Entrelinhas

7 Entrevista

21 Frases

29 Pastor com paixão

33 Em família

34 Recursos

35 Palavra final



22



26

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 91 – Número 545 – Set/Out 2019
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa

Editor Associado Márcio Nastrini

Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Capa Wabeno / Adobe Stock

Ministério na Internet

www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial Lucas Alves; Daniel Montalvan;
Adolfo Suarez; Marcos Blanco;
Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown

Colaboradores Alberto Peña; André Dantas; David Ayora; Edilson
Valiante; Efrain Choque; Elieser Ramos; Everon
Donato; Geraldo M. Tostes; Henry Mainhard;
Ivan Samojluk; Juan Zuriga; Ralides Nascimento;
Ronivon Santos; Rubén Montero e Tito Valenzuela



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuá, SP

Diretor-Geral José Carlos de Lima
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 79,20
Exemplar Avulso: R\$ 16,28



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.

Tiragem: 6 mil

5960 / 40475

O chamado

Ao longo do meu ministério tive o privilégio de conduzir várias entrevistas com candidatos ao curso de Teologia. Lembro-me do modo em que muitos entravam na sala, cheios de entusiasmo e sonhos. Eram recebidos sempre com a pergunta: Por que você deseja ser pastor? A resposta mais comum era: “Porque Deus me chamou.” Na sequência, eu ouvia as mais diferentes e emocionantes histórias a respeito do chamado. Para maioria deles, esse era o ponto de referência, o começo de tudo, a razão de abrir mão de tantas coisas e seguir em frente pela fé. Nada era mais forte no coração dos candidatos do que a convicção de que um dia serviriam a Deus como pastores.

O ministério é alimentado pela certeza de que o chamado não é fruto do acaso, da iniciativa humana nem de algum impulso do coração, mas é obra direta de Deus em nossa vida. Fomos escolhidos, e o Senhor assumiu total responsabilidade por essa escolha. Paulo afirmou a Timóteo: “Sou grato para com Aquele que me fortaleceu, Cristo Jesus, nosso Senhor, que me considerou fiel, designando-me para o ministério” (1Tm 1:12). Em meio aos desafios pastorais de Timóteo, Paulo lembrou de seu próprio chamado e, mais adiante, pediu que seu discípulo fizesse o mesmo (1Tm 4:14).

Quando se sentir sobrecarregado, incompreendido ou cansado, e lhe vier à mente o desejo de desistir ou fazer outra coisa na vida, lembre-se de que Deus o chamou e estará ao seu lado enxugando suas lágrimas, fortalecendo suas mãos, levando você ao descanso e conduzindo sua vida. Quando o horizonte for escuro e o medo congelar seu coração, volte-se para o seu chamado, seus primeiros anos de ministério, sua ordenação e às vezes em que Deus confirmou sua vocação. Isso ajudará você a olhar para a frente com coragem e fé.

Por que é tão importante lembrar-se do chamado? Porque lá está o ponto de referência do propósito da



O chamado é o ponto de referência que alimenta a convicção de que você não está só, e de que Aquele que o chamou o dirigirá de maneira segura até o fim.”

sua vida, o sentido do porquê você faz o que faz. Quem se esquece disso corre o risco de viver um ministério frustrado e mecânico. Mário Sérgio Cortella afirmou: “Uma vida pequena é aquela que nega a vibração da própria existência. [...] É quando se vive de maneira automática, robótica, sem uma reflexão sobre o fato de existirmos e sem consciência das razões pelas quais fazemos o que fazemos” (*Por que fazemos o que fazemos?*, p. 7). Lembre-se de que o chamado é o ponto de referência que alimenta a convicção de que você não está só, e de que Aquele que o chamou o dirigirá de maneira segura até o fim.

Meu coração se sente muito grato a Deus quando leio este pensamento de Ellen White: “Deus tem uma igreja, e ela tem um ministério designado por Ele. [...] Homens designados por Deus foram escolhidos para vigiar com zeloso cuidado, com vigilante perseverança a fim de que a igreja não seja subvertida pelos malignos ardis de Satanás, mas que ela esteja no mundo para promover a glória de Deus entre os homens” (*Testemunhos para Ministros*, p. 52). Isso não é maravilhoso? O Senhor tem uma igreja, um povo formado pelas mais variadas culturas e características; mas esse povo tem um ministério escolhido por Ele para dirigir, cuidar e inspirar no cumprimento da missão. Não tenho dúvidas de que as maiores recompensas do ministério pastoral serão entregues na eternidade. Por isso, nunca se esqueça do seu chamado e siga em frente, com perseverança, confiança e entrega. **M**



Divulgação DSA

Lucas Alves, doutorando em Ministério, é secretário ministerial da Igreja Adventista para a América do Sul

Outro olhar

Conflitos devem ser resolvidos com o objetivo de melhorar os relacionamentos e com a disposição de ver o mundo em todas as suas dimensões, não apenas com “nossos óculos”.

por Wellington Barbosa

Compreender a dinâmica do conflito a partir de diferentes perspectivas é uma necessidade para pessoas que precisam lidar com ele no dia a dia. O casal de professores universitários Carlos Chimpén Lopez e Soledad Sagrado García decidiram se aprofundar nesse conhecimento e, nesta entrevista, compartilhar um pouco de sua experiência.

Carlos Chimpén López é doutor em Psicologia e mestre em Psicoterapia pela Universidade de Salamanca, Espanha. Além disso, obteve um mestrado em Terapia Narrativa pela Universidade de Melbourne, Austrália. Atualmente, trabalha como professor na Universidade de Extremadura, onde é diretor do único mestrado espanhol em terapia narrativa. Ele é sócio-fundador e presidente da Associação Espanhola de Terapia Narrativa (Aeten).

A esposa, Soledad Sagrado García, é assistente social e mestre em Mediação Social e Intercultural pela Universidade de Sevilha, Espanha. Atualmente, é professora de Formação Profissional nos ciclos de Integração Social, Atenção às Pessoas em Situação de Dependência e Educação Infantil. Ela é secretária e sócia-fundadora da Aeten.

Eles são casados há quase 25 anos e têm dois filhos jovens, Daniel e Loida, que são a motivação de tudo o que fazem e o maior êxito que obtiveram em nível pessoal e profissional.

Quais são os tipos mais comuns de conflito?

Em uma sociedade tão plural quanto a nossa, repleta de mudanças tanto nos modelos familiares quanto nas estruturas sociais, não acreditamos que os conflitos possam ser reduzidos a um único tipo. No entanto, podemos afirmar que os conflitos familiares, em



Gentileza dos entrevistados

qualquer um dos novos modelos existentes (famílias monoparentais, reconstituídas, extensas, entre outras) são os que mais afetam pessoas, devido ao alto grau de envolvimento emocional que eles implicam.

Que tipo de conflito é mais difícil de resolver? Por quê?

Em nossa opinião, não há conflito mais difícil de resolver do que outro. Há pessoas que passam por situações que as impedem de desenvolver estratégias bem-sucedidas de resolução de conflitos e, portanto, têm maior dificuldade em resolvê-los. O importante é destacar que, quanto mais enraizado e fortalecido for um conflito, mais difícil será sua resolução. Os conflitos relacionados às pessoas com quem temos laços emocionais profundos são mais complexos de se lidar, uma vez que os sentimentos fazem parte do conflito e o condicionam. Também é importante ter em mente que é possível desenvolver a

habilidade para resolver conflitos, e que a sociedade tem responsabilidade quanto a isso. Devemos ensinar às crianças as melhores formas de resolver conflitos desde os primeiros momentos da infância.

Todo conflito é prejudicial? Se não, como um conflito pode ser positivo?

É muito importante entender que conflitos não têm que ser negativos, aliás, que eles não são negativos em si mesmos. A base para sua resolução é enxergá-los como algo positivo que nos proporciona oportunidades de aperfeiçoamento, crescimento pessoal e social e reconstrução de situações negativas. Conflitos não são

alternativa de resolver conflitos, eliminando seu caráter negativo.

Quais são os principais desafios ao administrar um conflito?

O principal desafio na resolução de qualquer conflito tem que ver com a crença de que todo conflito é negativo. As mudanças mais significativas ocorrem quando vemos conflitos como possibilidades. Outro elemento importante é a empatia, entendida aqui não como “colocar-se no lugar do outro”, mas como uma forma de valorizar e respeitar o outro como pessoa, ainda que seja muito diferente de nós. Dessa maneira, poderíamos entender a empatia

Podemos definir mediação como um método alternativo de resolução de conflitos, em que uma terceira pessoa, imparcial, neutra e com ferramentas profissionais, ajuda as partes a chegar a um acordo em que ambas ganham. Em uma mediação, os envolvidos sabem mais sobre seu conflito, a respeito de como e quando ele se originou e de como foi alimentado e fortalecido. Por isso, eles estão comprometidos com a resolução do conflito e dispostos a alcançar um acordo satisfatório, em que as partes têm que ceder.

É importante entender que o mediador não direciona nem decide nem aconselha, apenas ouve atentamente e coloca em prática seu conhecimento para conseguir que as partes cheguem a um acordo em que ambas ganhem. A mediação é uma ferramenta muito eficaz, mas ao mesmo tempo é um instrumento profissional que requer treinamento e preparação por parte das pessoas que serão mediadoras.

O principal desafio na resolução de qualquer conflito tem que ver com a crença de que todo conflito é negativo. As mudanças mais significativas ocorrem quando vemos conflitos como possibilidades.

Alguns pastores ignoram os problemas, pensando em evitar os conflitos. Essa estratégia é válida? Quais são as principais consequências desse tipo de comportamento?

Evitar ou ignorar um problema é uma forma negativa e ineficaz de administrá-lo, mas é bastante comum. Ao longo da vida aprendemos a agir assim por ver muitas pessoas gerindo conflitos desse modo. O importante é entender que, com tal atitude, os problemas não desaparecem; ao contrário, só crescem e atingem cada vez mais profundamente as pessoas.

Administrar conflitos dessa maneira provoca nas pessoas frustração, sentimentos de impotência e pode levar a comportamentos agressivos. Elas também podem perder a confiança em si mesmas, apresentar problemas de autoestima e ter mais dificuldade em confiar em outras pessoas ou figuras representativas para elas, como os pastores.

ruins em si mesmos; a nossa maneira de os gerenciarmos é o que lhes dá caráter negativo. Além disso, os conflitos foram e são necessários no processo das maiores mudanças da história da humanidade.

Não queremos dizer com isso que temos que passar a vida “procurando” conflitos, mas precisamos aprender a gerenciá-los e resolvê-los positivamente desde cedo, a fim de tirar o máximo proveito deles. Por exemplo, estar com raiva de uma pessoa ou se sentir mal com ela não é algo negativo; o problema é gerenciar o sentimento de forma violenta ou agressiva. A raiva, quando bem administrada, nos ajuda a conhecer a nós mesmos e a entender o outro. Ao conseguir lidar adequadamente com o sentimento, encontra-se uma forma

como o abandono do egocentrismo que nos faz ver os outros como diferentes e piores do que nós. Ver o outro como igual e não como rival muda a forma de administrar qualquer conflito.

Os senhores são especialistas em mediação. Como esse método de resolução de conflitos pode ser definido?

A mediação é um método que se provou eficaz na resolução de conflitos em áreas tão diversas como conflitos trabalhistas, conjugais, familiares, ambientais e comunitários, entre outros. É importante não confundir mediação com outros instrumentos, como a negociação, arbitragem e a conciliação, que é amplamente usada pelos pastores nas igrejas.

Qual é a melhor forma de resolver conflitos?

Não existe um caminho único para resolver conflitos, o importante é remover a carga da negatividade sobre eles e proporcionar às pessoas experiências positivas ao enfrentar uma situação conflitiva. No entanto, acreditamos ser muito importante valorizar a diversidade de opiniões, culturas, valores, pensamentos e comportamentos. Além disso, é preciso ver aqueles que são diferentes de nós como pessoas que somam, contribuem e ajudam no processo, não vê-los como inimigos.

Conflitos devem ser resolvidos com o objetivo de melhorar os relacionamentos e com disposição de ver o mundo em todas as suas dimensões, não apenas com

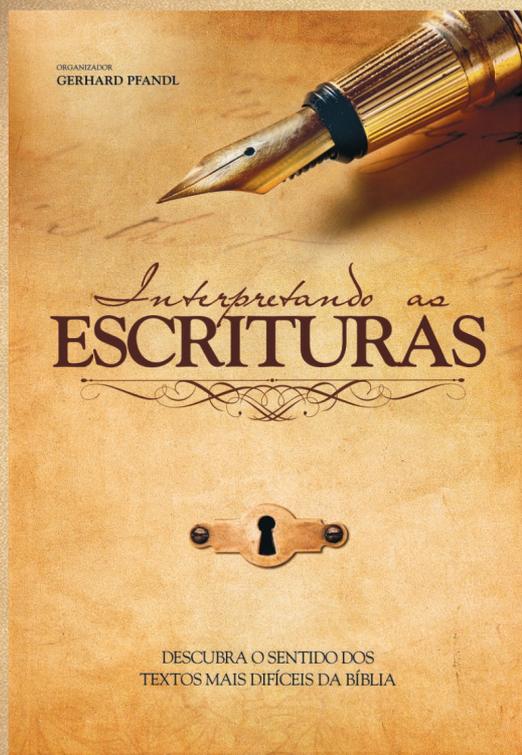
“nossos óculos”. A melhor maneira de resolvê-los é fazer isso com a intenção de ajudar o outro e a mim mesmo a crescer como pessoa e melhorar o relacionamento no presente e no futuro, não com o propósito de “ganhar” do outro nem feri-lo. É preciso ver o conflito sob um ponto de vista relacional, deixando de lado o individualismo.

Como desenvolver uma cultura de igreja que minimize os conflitos e maximize um ambiente harmônico?

Essa pergunta é difícil de responder, porque não há duas igrejas iguais e não existe uma fórmula mágica que possa ser aplicada em todos os conflitos. Correndo o risco de parecer repetitivo, acreditamos

que a única maneira de minimizar os conflitos é respeitar os outros como pessoas diferentes, abandonar ideias preconcebidas em relação aos demais e ter como meta o respeito ao próximo e a si mesmo. Mais uma vez, o relacionamento tem grande importância. As igrejas são estruturas formadas por pessoas com formas muito diferentes de pensar, o que torna os conflitos inevitáveis em seu ambiente. Por isso, é importante ensinarmos às crianças desde cedo a gerenciá-los de maneira positiva e entendê-los como algo que nos ajuda em nosso crescimento como pessoas e como igreja. Como em tantas outras coisas, a prevenção é a melhor estratégia para buscar a harmonia em nossas congregações. **M**

Diga-nos o que achou desta entrevista: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio



Encontre
RESPOSTAS PARA
AS PERGUNTAS
BÍBLICAS MAIS
DIFÍCEIS.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimentolivrarias@cpb.com.br



Teólogos em conflito

Lições da história adventista de como administrar divergências doutrinárias

Denis Kaiser

Assim como o povo de Deus nos tempos bíblicos aprendeu com falhas e vitórias de seus antepassados, nós também podemos amadurecer com os erros de nossos pioneiros. O debate na história adventista sobre a interpretação do *tamid* (“diário”, “contínuo”, “perpétuo”) em Daniel (8:11-13; 11:31; 12:11) é um exemplo que pode nos ensinar a resolver conflitos.

Inicialmente, o *tamid* era identificado como Roma pagã. Entretanto, na virada do século 20, alguns ministros adventistas começaram a interpretar o termo em relação ao ministério de Cristo no santuário celestial.¹ Essas diferenças não se limitaram a aspectos teológicos e exegéticos, mas envolveram também questões pessoais, como emoções, espiritualidade, suposições, agendas ocultas e polêmicas. Este artigo discute brevemente o clima espiritual desse debate e resume a maneira de Ellen White ter enfrentado a situação. Essa análise pode fornecer *insights* válidos para lidar com disputas modernas.

Raio-X do conflito

Ambas as partes – a que identificava o *tamid* com o paganismo romano (visão antiga) e a que relacionava o termo com o ministério celestial de Cristo (nova visão) – tinham razões para acreditar que sua visão estava correta. Os primeiros notaram que Ellen White havia feito uma declaração cerca de 60 anos antes que parecia estabelecer a identidade do *tamid*.² Assim, a adoção de uma nova explicação poderia ser considerada um questionamento à autoridade de Ellen White e certamente desafiaria a liderança de Cristo no movimento adventista. Para eles, o tema era de grande importância.

Por outro lado, o segundo grupo argumentava que o tema se fundamentava inteiramente nas Escrituras, e que não precisava de um árbitro final extrabíblico,³ enfraquecendo aparentemente a autoridade dos escritos de Ellen White. Deve-se notar, porém, que enquanto alguns dos proponentes compartilhavam apenas algumas semelhanças e diferiam em outros pontos importantes, eram vistos como

membros do mesmo grupo – culpa por associação.

Ellen White, contudo, criticou os dois lados. Ela não aprovou aqueles que se apoiaram em seus textos para resolver a questão: “Peço que meus escritos não sejam usados como argumento principal para solucionar questões sobre que há agora tanto debate. Rogo aos pastores H, I, J, e outros de nossos principais irmãos, que não façam referência a meus escritos para apoiar seus pontos de vista quanto ao ‘contínuo’. [...] Não posso consentir que qualquer de meus escritos seja tomado como solucionando esse assunto. [...] Peço agora que meus irmãos do ministério não façam uso de meus escritos em seus argumentos quanto a essa questão.”⁴

Ela apresentou duas razões para essa precaução. Primeiro, disse que não recebeu “nenhuma instrução a respeito do ponto em discussão”.⁵ Segundo, o debate lhe foi apresentado como não tendo “importância vital”, ou sendo de “menor importância”.⁶ Assim, embora não tivesse nenhuma revelação sobre a definição exata do *tamid*,



Brian Jackson | Adobe Stock

Ellen White teve instruções divinas sobre a dimensão do assunto. Portanto, mesmo os proponentes da primeira interpretação que empregaram os escritos dela para apoiar a posição que defendiam tiveram que admitir que a questão, por si só, era de menor importância.⁷

Ao mesmo tempo, Ellen White criticou os defensores da nova interpretação, por colocar foco excessivo em assuntos triviais e tentar semear a discórdia.⁸ Em relação a William Prescott, reclamou que ele passava horas discutindo pontos secundários que não tinham significado real “para a salvação da alma”.⁹ Além disso, lamentou a tendência que ele tinha de insistir em erros na história denominacional que resultaram em confusão, incredulidade e questionamento de verdades simples.¹⁰ De fato, alguns dos promotores da nova visão sustentavam que os escritos de Ellen White não tinham significado doutrinário, que os adventistas do sétimo dia não precisavam de uma confirmação infalível de seus ensinamentos, e que o argumento para defender a interpretação antiga era absurdo.¹¹

Embora não considerasse o tema importante, por algum tempo Ellen White tentou unir as duas partes para orar e estudar a Bíblia porque, em sua opinião, seria por meio da pesquisa solene e fervorosa da Palavra que as questões exegéticas e teológicas seriam resolvidas.¹² Contudo, aqueles que ajudaram a edificar a igreja não conseguiam engolir a arrogância dos promotores da nova visão. Isso pode explicar porque em meados de 1910 os defensores da antiga visão se recusaram a participar dessas reuniões. Eles acreditavam que esse diálogo não teria sucesso.¹³

Assim, é fácil compreender porque Ellen White tentou desviar a atenção das especificidades dos aspectos exegéticos ou teológicos para o problema espiritual subjacente. Ela sugeriu que opiniões preconcebidas, más suspeitas, conduta anticristã, corações insensíveis e falta de amor mútuo conspiravam contra qualquer solução real e a verdadeira unidade cristã.¹⁴

Resultados do conflito

Ellen White manteve contato com os membros de ambos os grupos, conscientizando-os de seus respectivos erros e apresentando as reais e potenciais implicações do conflito. Ela enfatizou que o verdadeiro problema não estava nas questões exegéticas ou teológicas, mas nas circunstâncias espirituais.

Assim, pediu repetidamente que Arthur Daniells e William Prescott deixassem de destacar falhas nas principais publicações denominacionais. Ellen White afirmou que, embora alguns dos autores não mais estivessem vivos, era necessário lembrar que Deus os havia usado e, por intermédio deles, levado muitos ao conhecimento da verdade. Além disso, exortou que os líderes fossem extremamente cuidadosos para não inserir qualquer assunto na *Review* que sugerisse “falhas em nossa experiência passada”, como alguns dos principais ministros tinham visto na doutrina do santuário em relação à natureza do *tamid*. A inclinação para “procurar coisas a

ser criticadas ou condenadas” não foi inspirada por Deus, nem um trabalho designado a eles pelo Senhor.¹⁵ Ellen White reconheceu que algumas publicações adventistas que levaram “muitos ao conhecimento da verdade” continham coisas de “menor importância” que deviam ser cuidadosamente estudadas e corrigidas.¹⁶ Em sua opinião, o ponto de discórdia era, no entanto, “sem importância”, “desnecessário”, “não vital” e “não essencial para a salvação”.¹⁷

Seria contraproducente, portanto, enfatizar demais essas coisas e chamar atenção de todos para elas. Por exemplo, em vez de ter ministros, colportores e administradores debatendo publicamente essas questões, a responsabilidade de estudá-las deveria estar sobre aqueles que foram “regularmente indicados” para essa tarefa. Caso contrário, resultaria em descrédito à literatura que salvaria pessoas, argumentos contra a igreja e dúvidas àqueles que haviam aceitado a mensagem recentemente.¹⁸

Ellen White falou abertamente com Arthur Daniells,¹⁹ que se inclinava a usar o peso de seu cargo como presidente “para decidir a questão”. Ela disse que Deus não o havia chamado para decidir questões teológicas nem se intrometer nas publicações da denominação. Além disso, condenou o exercício desse “poder dominante” ou “poder régio”, pois o presidente de uma Associação ou da Associação Geral não deveria ser um líder opressivo.²⁰ Da mesma forma, repreendeu Stephen Haskell por republicar o diagrama de 1843,²¹ porque tendia a criar confusão, discussões e divisões. Foi um erro que se tornou um brinquedo nas mãos de Satanás.²²

Concentrar-se no assunto do *tamid* desviava a atenção dos líderes da igreja das oportunidades que deveriam ser gastas para apresentar a mensagem de salvação às pessoas e capacitar os membros a fazer o mesmo.²³ Ellen White observou que ambos os grupos não agiam sabiamente e precisavam da sabedoria divina.²⁴ O comportamento que apresentavam

encorajaria os agentes satânicos a promover pequenas diferenças e amplificá-las como grandes divergências para produzir confusão, divisões, incertezas, questionamentos e incredulidade entre crentes e descrentes.²⁵ A agitação sobre o tema não apenas desestabilizaria as mentes e “colocaria a verdade em descrédito”, mas tentaria aqueles que não haviam sido completamente convertidos a tirar conclusões rápidas e tomar decisões precipitadas.²⁶ As pessoas desconfiariam da liderança divina no movimento adventista e das “doutrinas que foram estabelecidas sob a guia do Espírito Santo”.²⁷ Restabelecer a confiança daqueles que haviam sido confundidos exigiria muito tempo e esforço.²⁸

Redirecionamento espiritual

Conforme foi mencionado, para Ellen White os detalhes teológicos e exegéticos do debate eram de menor importância; o verdadeiro problema subjacente era de natureza espiritual. Isso é evidente pela quantidade de vezes em que ela afirmou que líderes de ambos os grupos estavam encorajando “Satanás”, “agências satânicas”, “anjos maus”, “o inimigo”, “o inimigo da verdade” e “anjos caídos”.³¹ Nesse caso, é fácil compreender porque ela enfatizou a necessidade de um redirecionamento espiritual como a solução para o conflito. Assim, Ellen White instou os principais ministros e membros da igreja a humilhar o coração diante do Senhor e orar fervorosamente.³²

o desejo de responder à última oração de Jesus (Jo 17) e desenvolver a verdadeira unidade cristã.⁴⁰ Pediu-lhes que enterrassem suas diferenças e “avançassem juntos”, que mantivessem uma “frente unida”, “estivessem juntos sob a guia do Espírito Santo”, mostrassem “respeito pelos homens mais idosos” e, na medida do possível, estivessem de acordo com as pregações e atividades deles.⁴¹ É interessante que Ellen White não tenha pedido que eles renunciassem às suas posições distintas, mas que se abstivessem de expressar suas diferenças de opinião.⁴² Ela explicou que as pessoas precisavam cultivar a sabedoria de saber quando falar e quando calar, que cargas deveriam carregar e o que era importante deixar em paz.⁴³ Evitar conflitos, confiar uns nos outros, cooperar para a obra da salvação e pregar a verdade “produz na mente humana poderosa impressão”, pois “há força na unidade”.⁴⁴

Além de salientar a necessidade de conversão diária e verdadeira unidade cristã, Ellen White pediu também aos ministros que se concentrassem em diferentes ramos do ministério: igreja, escola, família e evangelismo. Eles deveriam pregar e ensinar as “linhas importantes da verdade”, as “verdades sagradas” e os “assuntos vitais” de uma

maneira sincera, simples e coerente. O *tamid* e os assuntos relacionados não eram uma “questão de prova”, embora muitos apresentassem o ponto desse modo, mas as verdadeiras “questões de prova” eram a obediência e salvação, “os mandamentos de Deus e o testemunho de Jesus Cristo”.⁴⁵ Os pastores não deveriam somente pregar aos membros da igreja, mas também treiná-los e orientá-los. Assim, eles mesmos deveriam aprender com os ensinamentos simples, mas essenciais, de Cristo e também ensinar aos membros da igreja “como dar aos outros o conhecimento da verdade salvadora para este tempo”.⁴⁶

Em particular, a igreja deveria fazer esforços especiais e sinceros para ajudar os pais a consagrar seu tempo e sua força a

O espírito com o qual a igreja aborda questões doutrinárias e práticas é tão importante quanto resolver as questões em si.

Além do prejuízo causado aos membros da igreja, Ellen White previu também danos ao trabalho evangelístico. Repetidas vezes, ela enfatizou que o comportamento anticristão de alguns ministros e líderes da igreja e o murmúrio sobre supostos equívocos nas publicações adventistas e em experiências passadas apenas forneciam munição para que Satanás mobilizasse os oponentes da verdade, pessoas “que se afastaram da fé” e “saíram de nós”. Eles tirariam proveito desse conflito interno e criariam uma “montanha de um montículo de terra”.²⁹ Como resultado, impediriam o trabalho evangelístico, desviariam as pessoas da verdade e causariam “um problema ainda maior”.³⁰

Eles deveriam seguir o exemplo de Cristo e cultivar mansidão e humildade de coração (Mt 11:29).³³ Ela ressaltou que o debate sobre o *tamid* era completamente desnecessário, mas que havia real necessidade de buscar o Senhor para uma reconversão,³⁴ uma “verdadeira conversão do coração e da vida”,³⁵ uma conversão “diária”.³⁶ “Sob o controle do Espírito Santo”, os membros deveriam consagrar sem reservas o coração a Deus, depender totalmente Dele e cooperar com a influência celestial.³⁷ Esse esforço individual³⁸ produziria uma “sagrada impressão” na mente de outros ministros, membros da igreja e novos convertidos.³⁹

Um segundo aspecto importante apontado por Ellen White foi a necessidade de unidade. Ela queria muito ver nos ministros

seus filhos, para que eles pudessem entender a necessidade de buscar Cristo para sua própria salvação.⁴⁷ De idêntica maneira, em todas as escolas adventistas, os professores deveriam ajudar seus alunos a aprender como ser salvos e “vestir o manto branco da justiça de Cristo”.⁴⁸

Indo além dos esforços pelos membros da igreja, pais e filhos, Ellen White frequentemente chamava atenção para uma causa ainda negligenciada, a necessidade de evangelizar as cidades.⁴⁹ Os ministros deveriam “pregar a Palavra”, seguir o exemplo de Cristo ao salvar as pessoas e compartilhar a mensagem de salvação com aqueles que vivem nas grandes cidades, bem como nos campos missionários de todo o mundo.⁵⁰

Conclusão

A história do debate sobre o *tamid* em Daniel 8 e como o problema foi solucionado podem nos ajudar a lidar com discussões atuais. Ellen White disse às duas partes que as Escrituras deveriam ser a base para esclarecer questões doutrinárias e exegéticas. No entanto, solucioná-las só é possível quando todos os envolvidos se aproximam da mesa com espírito fraternal. A falta de disposição para chegar a um acordo e encontrar uma resposta bíblica não deve ser desculpa para apresentar um tema polêmico, mas um chamado para a busca individual por um novo coração. Se a interação entre as partes não for caracterizada por um bom espírito, a discussão sobre o assunto só piorará as coisas. Ambos os lados devem se afastar do assunto e se concentrar na conversão pessoal; na capacitação dos membros da igreja; na educação de pais, filhos e estudantes; e no compartilhamento do evangelho com os necessitados de salvação. Todos esses ramos do ministério devem ser permeados por um desejo mútuo de unidade e pelo propósito de desenvolver um relacionamento próximo com Jesus.

Mesmo que uma investigação conjunta sobre o *tamid* fosse impossível em seus

dias, Ellen White viu que haveria, no futuro, um tempo para estudar mais o assunto, com base nas Escrituras. Conforme ela indicou, a questão deveria ser colocada de lado apenas “neste momento”, “agora”, “agora mesmo”, “neste período de nossa história” e “neste estágio de nossa experiência”.⁵¹ Ficou claro, portanto, que o espírito com o qual a igreja aborda questões doutrinárias e práticas é tão importante quanto resolver as questões em si. **IM**

Referências

¹ Denis Kaiser, “The history of the Adventist interpretation of the ‘daily’ in the book of Daniel from 1831 to 2008” (dissertação de mestrado, Universidade Andrews, 2009).

² Ver Jerry Moon, “Diário, O”, em *Enciclopédia Ellen G. White*, eds. Dennis Fortin e Jerry Moon (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 826-828.

³ Por exemplo, L. R. Conradi para J. N. Loughborough, 16/4/1907; L. R. Conradi para A. G. Daniells, 11/10/1910.

⁴ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), v. 1, p. 164.

⁵ *Ibid.*; cf. *Manuscript Releases* (Silver Spring, MD: Ellen G. White Estate, 1981-1993), v. 9, p. 107; v. 12, p. 224.

⁶ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 164; cf. *Manuscript Releases*, v. 9, p. 106; v. 12, p. 224; v. 10, p. 334.

⁷ S. N. Haskell para A. G. Daniells, 27/1/1908; E. G. White para W. C. White, 6/12/1909.

⁸ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 334, 359.

⁹ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 359.

¹⁰ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223-225.

¹¹ L. R. Conradi para A. G. Daniells, 11/10/1910; L. R. Conradi para J. N. Loughborough, 16/4/1907.

¹² White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 223.

¹³ *Ibid.*

¹⁴ White, *Manuscript Releases*, v. 9, p. 106; v. 20, p. 223; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

¹⁵ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 225; v. 9, p. 106; v. 10, p. 336; v. 20, p. 17, 18, 20.

¹⁶ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 165.

¹⁷ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 359; v. 12, p. 224; v. 9, p. 106; v. 20, p. 17, 18; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

¹⁸ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 165.

¹⁹ Presidente da Associação Geral entre 1901 e 1922.

²⁰ White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 19-21.

²¹ Ver P. Gerard Damsteegt, *Foundations of the Seventh-day Adventist Message and Mission* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1977), p. 54, 310.

²² White, *Manuscript Releases*, v. 9, p. 106.

²³ White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 17; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

²⁴ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 224; v. 9, p. 106; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

²⁵ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 334, 336, 337; v. 12, p. 224, 225; v. 9, p. 106; v. 20, p. 17, 18, 21, 22; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

²⁶ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223, 224; v. 9, p. 107; v. 20, p. 21.

²⁷ White, *Manuscript Releases*, v. 9, p. 107; v. 10, p. 337.

²⁸ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 337.

²⁹ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 334; v. 9, p. 106.

³⁰ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 336, 359; v. 12, p. 224, 225; v. 9, p. 106; v. 20, p. 18, 21; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

³¹ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 334, 336, 337; v. 12, p. 225; v. 9, p. 106; v. 20, p. 17, 18, 21, 22.

³² White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223; v. 20, p. 20; v. 10, p. 337; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

³³ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

³⁴ White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 20; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

³⁵ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223.

³⁶ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 165.

³⁷ White, *Manuscript Releases*, v. 9, p. 107; v. 20, p. 21; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 165, 166.

³⁸ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 166.

³⁹ *Ibid.*, p. 167, 168.

⁴⁰ *Ibid.*

⁴¹ White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 18-20, 223; v. 9, p. 106; *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167.

⁴² White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168.

⁴³ White, *Manuscript Releases*, v. 10, p. 334; v. 20, p. 18, 19.

⁴⁴ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 168.

⁴⁵ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 164, 165, 167, 168; *Manuscript Releases*, v. 12, p. 224, 225.

⁴⁶ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 225.

⁴⁷ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223, 224.

⁴⁸ White, *Manuscript Releases*, v. 12, p. 223.

⁴⁹ White, *Manuscript Releases*, v. 20, p. 18-21.

⁵⁰ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 165, 166, 168; *Manuscript Releases*, v. 20, p. 18, 19, 21; v. 10, p. 335, 336.

⁵¹ White, *Mensagens Escolhidas*, v. 1, p. 167, 168; *Manuscript Releases*, v. 20, p. 17; v. 12, p. 223-225.



Cortezia do autor

Denis Kaiser, doutor em Teologia, é professor do Seminário Teológico da Universidade Andrews



Dicas para gerenciar
conflitos na igreja local

O pacificador

Erico Tadeu Xavier

O termo “conflito” tem sido compreendido como “uma dissonância (tensão ou antagonismo) interpessoal e/ou intrapessoal intensa entre duas ou mais partes no que diz respeito a alvos, necessidades, desejos, valores, crenças, e/ou atitudes incompatíveis”.¹ Por exemplo, no dicionário *Houaiss*, a palavra também é definida como choque, enfrentamento, discussão acalorada e altercação.²

Conflitos fazem parte da humanidade desde a entrada do pecado no mundo. Devido ao egoísmo que passou a reinar no coração, o ser humano tem buscado o triunfo em todas as situações possíveis. Desde um simples debate relacionado a assuntos triviais até questões complexas ligadas a poder, dinheiro e território, podemos constatar situações de conflito.

Conflito na Bíblia

O primeiro conflito apresentado nas Escrituras aconteceu no Éden. Ele é a causa primária de todas as discórdias que se seguiram. Caracterizou-se pelo distanciamento, falta de confiança, tentativa de isenção de responsabilidade, desejo

de supremacia e, como consequência, culpa e relacionamentos rompidos. De todos os conflitos narrados na Bíblia, o principal é a grande controvérsia entre o bem e o mal, entre Cristo e Satanás (Gn 3; Ap 12).

A experiência do primeiro casal revela o elemento gerador de conflitos: a intromissão do inimigo na relação entre o homem e a mulher e na ligação de ambos com o Criador. No momento em que Eva se distanciou do companheiro e se tornou suscetível a ouvir um terceiro elemento, a discórdia se estabeleceu. A dúvida foi plantada no coração, e ela começou a questionar se Deus estava realmente correto ao proibi-la de desfrutar de algo que poderia ser bom.

Tudo o que veio na sequência foi trágico e doloroso: Eva culpou a serpente e, indiretamente, responsabilizou o Senhor por aquela tragédia; Adão, o companheiro amado, tornou-se acusador da própria esposa e procurou se livrar de sua culpa; um animal inocente se tornou vítima ao ser imolado para cobrir a nudez do primeiro casal; eles foram expulsos do Paraíso; o planeta sofreu os efeitos da queda; e pior,

Adão e Eva viram o ódio sendo nutrido no coração do filho mais velho, levando-o a assassinar seu próprio irmão.

Assim como outros conflitos relatados nas Escrituras, esse primeiro revela que toda divergência precisa ser identificada, mediada e resolvida, para que não venha causar graves consequências às partes envolvidas.

No Novo Testamento, o livro de Atos retrata uma séria divergência entre os fiéis logo no início da igreja cristã. Lucas afirma que “naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos, houve murmuração dos helenistas contra os hebreus” (At 6:1). O motivo? As viúvas de fala grega não estavam sendo atendidas pelos cristãos de fala hebraica. Assim, a discordância residia em uma questão étnica, ainda que a mensagem central do evangelho anunciado pela igreja fosse a salvação a todos os habitantes do mundo.

Ellen White comentou a situação, dizendo: “Foi assim que, quando o número dos discípulos aumentou, o inimigo conseguiu despertar as suspeitas de alguns que, no passado, costumavam ter ciúme de



Pictoider / Adobe Stock

irmãos na fé e descobrir defeitos em seus guias espirituais; com isso, 'os judeus de fala grega entre eles queixaram-se dos judeus de fala hebraica' (At 6:1, NVI). A causa da queixa que se alegava era a negligência na concessão de auxílio às viúvas gregas. Qualquer desigualdade seria contrária ao espírito do evangelho; contudo, Satanás havia conseguido despertar a suspeita. Medidas imediatas deveriam ser tomadas para remover todo motivo de descontentamento e evitar que o inimigo triunfasse em seus esforços de disseminar divisão entre os crentes."³

No entanto, Deus usou a crise para dar entendimento aos apóstolos sobre a necessidade de organização, para que a igreja prosperasse cada vez mais e de forma ordenada. "Convocando uma reunião dos fiéis, os apóstolos foram levados pelo Espírito Santo a esboçar um plano para otimizar a organização de todas as forças ativas da igreja. Os apóstolos declararam que havia chegado o tempo em que os líderes espirituais deveriam ser aliviados da tarefa de atender às necessidades materiais dos pobres e de outros encargos semelhantes, de modo que

pudessem estar livres para levar avante a obra de pregar o evangelho. 'Irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço; e, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra' (At 6:3, 4). Esse conselho foi seguido e, por meio de oração e imposição de mãos, sete homens escolhidos foram solenemente separados para seus deveres como diáconos."⁴

Portanto, crises fazem parte da experiência humana e podem servir como ponto de partida para novas oportunidades, desde que sejam bem gerenciadas.

Conflitos na igreja

A igreja é composta por diversos tipos de pessoas. Isso significa membros de diferentes idades, culturas, níveis de maturidade, escolaridade e experiência espiritual. Não podemos nos esquecer de que o inimigo semeia o joio, e este tem a aparência de trigo, vive com o trigo, mas não é trigo (Mt 13:25-32). Essa variedade de características pode se tornar um elemento gerador de conflitos, mas também pode ser

fator de aprendizagem e desenvolvimento de paciência e perdão, se for encarada com humildade e otimismo.

Geralmente, os conflitos na igreja contemporânea surgem por diferentes motivos: disputa por cargos; ambição pelo poder ou *status*; discordância doutrinária ou administrativa; ausência de planejamento; liderança frágil; falta de comprometimento ou reconhecimento; sobrecarga de atividades; má gestão dos recursos financeiros; maledicência; entre outras causas.

Quando ocorre uma divergência entre os membros da igreja, todos são prejudicados. Mesmo as pessoas que não estão diretamente envolvidas são afetadas por causa da vergonha e da difamação do nome de Cristo. A missão e o crescimento da igreja dependem dos bons relacionamentos. Quando há conflitos, eles são tremendamente prejudicados.

Aprender a solucioná-los, portanto, deve ser uma das prioridades do pastor. A ausência de bons métodos na resolução ou no gerenciamento de divergências pode penalizar os relacionamentos e os ministérios da comunidade.

De modo geral, é muito alto o preço pago pelos conflitos não resolvidos na igreja. Eles fragilizam a vitalidade espiritual dos envolvidos, desviam o foco da missão, interrompem a comunicação, provocam decisões unilaterais que produzem alienação e desconfiança, substituem a unidade por facções, transformam amigos em antagonistas, tornam o testemunho negativo, causam infidelidade nos dízimos e nas ofertas, levam alguns a abandonar a fé, aumentam a tensão nos que permanecem, reduzem ou aniquilam os ministérios vitais e prejudicam a reputação da igreja na comunidade.

Como resolver?

A seguir, apresento algumas sugestões práticas para lidar com os conflitos interpessoais no contexto da igreja.

Admita que, mesmo sendo cristãos, todos somos suscetíveis ao erro. "Não é possível prever o alcance das palavras boas e

amáveis que proferimos, de qualquer esforço sincero feito para aliviar as cargas aos nossos semelhantes. Certo é, porém, que os que erram só podem ser encaminhados com um espírito de mansidão, bondade e terno amor.”¹⁵

Nunca deixe um conflito sem solução. Normalmente, quando existem conflitos envolvendo membros da igreja, nenhuma das partes sente que é seu dever tomar a iniciativa de procurar a outra para dialogar e resolver a questão. Cabe então ao pastor ou líder usar de bom senso e, principalmente, discernimento espiritual para encontrar a solução para o problema, tendo em mente que uma igreja dividida não prospera. Deixar de solucionar uma divergência pode acarretar consequências desastrosas à vida espiritual dos envolvidos e causar danos terríveis à obra de Deus.

Sempre use o diálogo para resolver conflitos. O melhor caminho para chegar a um denominador comum nos desentendimentos é a conversa. Um ditado comum no ambiente jurídico diz que “é melhor um mau acordo do que uma boa demanda”. O pastor ou líder de igreja deve orientar a congregação de que a resolução dos conflitos é imprescindível para o bom relacionamento entre irmãos. É inconcebível a ideia de que, para se resolver divergências, devemos, como cristãos, procurar a justiça comum. Deus promete conceder sabedoria e iluminação do Espírito Santo a todos que, com coração sincero, buscam solução para seus conflitos interpessoais.

Aceite a solução encontrada. A solução almejada nem sempre será a solução possível. A igreja é composta de seres humanos, cada qual com personalidade singular. O que é satisfatório para um pode não ser para o outro. Por isso, temos necessidade de estar constantemente em comunhão com Deus, rogando pela sabedoria divina para solucionar as demandas da igreja do Senhor.

Tenha disposição para solucionar o problema. Mansidão (Gl 6:1), humildade

(Tg 4:10), inclinação para perdoar (Ef 4:31, 32) e paciência (Tg 1:19, 20) são características que Cristo deseja que comuniquemos a Seus filhos. São elementos essenciais para reconstruir os relacionamentos quebrados e transformá-los em duradouros.

Considere seu âmbito de atuação. É necessário que o pastor ou líder tenha consciência de que as coisas podem fugir do controle quando se trata de solucionar conflitos. Mesmo que você faça o que for possível e necessário, pode se chegar a um ponto do qual você não deve ultrapassar. É preciso respeitar esse limite, até mesmo para preservar a saúde emocional.

Cuide para que o conflito não se propague. A divergência pode tomar proporções catastróficas, e até insolúveis, se for propagada e mais pessoas tomarem conhecimento dela. Geralmente, alguns tomam partido favorecendo um em detrimento do outro, comentários exagerados e depreciativos surgem e a mágoa pode aumentar, causando feridas que demoram para cicatrizar. A melhor atitude é procurar diretamente os envolvidos e convidá-los para o diálogo franco e aberto, sob a direção do Espírito do Senhor.

Não tenha medo de pedir ajuda. “Na multidão de conselheiros há segurança” (Pv 11:14). Pode haver situações em que seja necessária a presença de outras pessoas com mais experiência, ou até mesmo profissionais de áreas específicas, para que a solução seja encontrada. Portanto, não hesite nem se constranja em pedir ajuda.

Conclusão

Enquanto estivermos na Terra teremos que lidar com divergências na igreja, pois nossa comunidade é formada de pessoas que continuam com sua natureza pecadora e egoísta. No entanto, a melhor ferramenta à nossa disposição é o diálogo, e a melhor atitude sempre será o perdão.

Conflitos são oportunidades que temos para exercitar o perdão e seguir

em frente. O perdão, porém, antes de ser um sentimento, é uma decisão. Existem situações em que é necessário decidir perdoar e, a partir daí, o sentimento será produzido no coração. Talvez um dos maiores causadores de conflitos tanto na igreja quanto fora dela seja procurar nos outros um ideal de conduta segundo nossa medida. Precisamos buscar a unidade sem nos esquecer de que a diversidade confere beleza ao corpo de Cristo. Quando compreendermos isso estaremos maduros para sermos promotores de paz. “Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus” (Mt 5:9).

“Deus não é de confusão, e sim de paz. Como em todas as igrejas dos santos’ (1Co 14:33), Ele requer que o método e a ordem sejam observados na administração dos negócios da igreja hoje, como foram no passado. Deseja que Sua obra seja levada avante com eficácia e precisão, de modo que possa colocar sobre ela o selo de Sua aprovação. Cristão deve se unir com cristão, e igreja com igreja, cooperando o instrumento humano com o divino, estando cada agente subordinado ao Espírito Santo, e tudo harmonizado para dar ao mundo as boas-novas da graça de Deus.”¹⁶ 

Referências

¹Stella Ting-Toomey, “Toward a Theory of Conflict and Culture”, *Communication, Culture and Organizational Processes* (Thousand Oaks, CA: Sage, 1985), p. 72.

²Dicionário eletrônico Houaiss, “conflito”, versão 3.0.

³Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 88.

⁴Ibid., p. 89.

⁵Ellen G. White, *Testemunhos para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 5, p. 613.

⁶Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 96.



Cortesia do autor

Erico Tadeu Xavier, doutor em Teologia, é professor na Faculdade de Teologia do Instituto Adventista Paranaense

Paixão *pela* **MISSÃO**



Dia do Pastor
19 de outubro



Espíritos em prisão

Uma interpretação alternativa para 1 Pedro 3:18 a 22

Edcarlos Menezes e Kim Papaioannou

“**P**ois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o Céu, está à destra de Deus, ficando-Lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (1Pe 3:18-22).

Esse texto está entre as passagens mais difíceis do Novo Testamento. A afirmação no versículo 19 de que Jesus “foi e pregou aos espíritos em prisão” deixa muitos leitores perplexos. Seria justo afirmar que a declaração petrina de que há nas epístolas de Paulo “certas coisas difíceis de entender” (2Pe 3:16) também pode se aplicar a essa seção de sua própria carta.

Entre as questões levantadas estão: (1) Qual é o significado da frase “morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito”? (2) A quem se refere a expressão “no qual”, no início do versículo 19? (3) Qual é o significado do verbo “pregar” no contexto da passagem? (4) Quem são os “espíritos em prisão”? (5) Onde e quando os eventos descritos aconteceram? Ao longo do tempo, três interpretações procuraram responder a essas questões.



Principais interpretações

Jesus pregou a espíritos desencarnados no inferno. Alguns interpretam a passagem dizendo que Cristo, no período entre Sua morte e ressurreição, foi ao inferno e pregou aos espíritos desencarnados daqueles que haviam morrido no período do Antigo Testamento e nunca tinham ouvido o evangelho ou rejeitaram a Deus. Após ter completado Sua obra na cruz, Jesus estava, então, oferecendo-lhes uma nova chance de salvação. Os espíritos dos mortos, de acordo com essa interpretação, agora podiam ouvir a mensagem de Cristo, responder e tomar decisões.¹

Essa interpretação, no entanto, é teológica e gramaticalmente impossível. Teologicamente, é contrária ao ensino bíblico de que não há chance de salvação após a morte (por exemplo, Hb 9:27; Sl 88:10; 115:17). Além disso, a Bíblia ensina que, na morte, os seres humanos dormem até a ressurreição (Jó 14:10-12; Sl 146:4; Ec 9:5, 10; 1Co 15:16-18; 1Ts 4:13-15).

Gramaticalmente, a pregação aos espíritos não é feita por um Jesus desencarnado no intervalo entre Sua morte e ressurreição; é feita pelo Cristo ressurreto em forma corpórea plenamente glorificada. Isso está evidente nos dois participios gregos do versículo 18: *thanatōtheis* ("morto") e *zōpoiētheis* ("vivificado"). Ambos são masculinos. Assim, eles não podem se referir ao "espírito" de Jesus, uma vez que o termo grego para "espírito", *pneuma*, é neutro. Também não podem indicar uma suposta "alma" desencarnada de Cristo, uma vez que a palavra grega para "alma", *psuchē*, é feminina. Uma vez que eles não podem se aplicar a espírito ou alma, os dois participios só podem se referir a Ele, masculino, a Jesus, como uma pessoa completa. A primeira diz respeito à Sua morte física, de Seu corpo mortal terreno; a segunda, à Sua ressurreição para uma existência glorificada.²

Jesus pregou aos antediluvianos. Outros sugerem que Jesus, "mediante" o Espírito Santo, trabalhando por intermédio de Noé, pregou aos antediluvianos durante o tempo de construção da arca. Essa é a opinião

dominante entre os estudiosos adventistas. O *Comentário Bíblico Adventista* define os espíritos em prisão nas seguintes palavras: "a primeira parte do verso 20 parece identificá-los com pessoas que viveram na Terra antes do dilúvio".³

Esse ponto de vista, embora seja melhor, ainda tem suas dificuldades. Uma diz respeito ao tempo. O texto apresenta uma progressão cronológica que começa com a morte de Jesus, continua com Sua ressurreição e culmina com a proclamação aos espíritos em prisão. Então, para fazer justiça à passagem, devemos localizar o evento de pregação após a ressurreição. Outro problema se relaciona com o Espírito Santo. Enquanto algumas traduções veem o Espírito na frase *zōpoiētheis de pneumatī* ("vivificado em/pelo espírito"), a referência ao espírito provavelmente se refere mais à natureza do corpo ressurreto de Jesus, um corpo espiritual glorificado (cf. 1Co 15:35, 54), do que com o próprio Espírito Santo.⁴

Jesus pregou aos anjos Vigilantes. A terceira interpretação sugere que Jesus pregou aos Vigilantes, um grupo de anjos que, de acordo com um mito judaico, cobiçaram mulheres e se casaram com elas. O resultado foi o nascimento de gigantes que levaram o mundo à perdição, provocando, enfim, o dilúvio. Esse mito é uma interpretação da história de Gênesis 6:1 a 7:6, que identifica os "filhos de Deus" que se casaram com as "filhas dos homens" com os anjos.⁵ Ele aparece em vários escritos judaicos, com mais destaque em 1 Enoque, obra pseudepígrafa do 2º século a.C. O livro afirma que eram 200 anjos e os chama de Vigilantes. Essa ideia é popular na comunidade acadêmica.

Contudo, uma análise cuidadosa de Gênesis 6:1 a 7:6 revela que os "filhos de Deus" não são anjos caídos, mas descendentes de Sete que foram obedientes a Deus até que se casaram de maneira inadequada. Da mesma forma, as "filhas dos homens", com quem os "filhos de Deus" se casaram, eram descendentes de Caim que viviam em apostasia.⁶ Além disso, Jesus afirma que

anjos não se casam (Mt 22:30), anulando o mito judaico. Ademais, se Pedro tivesse em mente os Vigilantes, por que Jesus "pregaria" somente a eles, um grupo de 200 anjos, e não aos incontáveis outros anjos caídos (um terço dos anjos, conforme Ap 12:4) que também precisavam ouvir a mensagem de salvação? Essa interpretação não faz justiça ao texto bíblico.

Interpretação alternativa

A morte e ressurreição de Jesus. Depois de abordar os sofrimentos que os primeiros cristãos estavam enfrentando (1Pe 3:13-17), Pedro se volta para os sofrimentos que Jesus suportou, concentrando-se em Sua morte e ressurreição. O apóstolo usa a expressão *thanatōtheis men sarki, zōpoiētheis de pneumatī*, literalmente, "morto em/pela carne, vivo em/pelo espírito". A palavra *sarki* ("carne") provavelmente indica a natureza física que Jesus assumiu na encarnação.⁷ O termo contrasta com *pneumatī* ("espírito"), algo que parece sugerir que *pneumatī* se refere ao corpo glorificado de Cristo. Ele morreu em Sua natureza humana, mortal, e foi ressuscitado como um Ser glorificado.

A proclamação de Jesus. Pedro continua: "no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão" (v. 19). O grego *en ō*, traduzido como "no qual", indica o estado ressurreto do Jesus glorificado. Após Sua ressurreição, em Sua existência glorificada, Cristo foi aos espíritos em prisão.

A preposição *en* ("em"), na frase *en phylakē* ("em prisão"), tem um sentido locativo⁸ e se refere a um lugar específico em que os espíritos foram aprisionados. Os comentaristas às vezes interpretam o substantivo *phylakē*, "prisão", alegoricamente, referindo-se, por exemplo, ao aprisionamento espiritual e à escravidão do pecado. Entretanto, nas 47 vezes em que a palavra aparece no Novo Testamento (NT), sempre tem um significado literal e se refere a uma prisão ou ao indivíduo que a guarda. Devemos notar ainda que o NT nunca aplica o termo *pneuma* ("espírito") aos humanos pecadores. Das 32 vezes que o plural é

usado no NT, 24 se referem a anjos, principalmente os caídos.⁹

Considerando esses fatos, parece adequado ver os “espíritos em prisão” como anjos caídos aprisionados por Deus na Terra. Deles, Judas declara: “anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, Ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia” (v. 6). As expressões “guardado sob trevas” e “algemas eternas” sugerem que esses espíritos malignos estão, de fato, presos.

Mas como os anjos caídos foram desobedientes no tempo de Noé, conforme 1 Pedro 3:20 declara? O grego *apeitheō* (“desobedecer”) pode sugerir que eles não acreditavam na mensagem do dilúvio e não esperavam que Deus realmente manifestasse Sua justiça, destruindo os antediluvianos iníquos. Então, quando isso ocorreu, questionaram a própria justiça divina.¹⁰

Se nossa sugestão estiver correta, em que sentido Jesus “pregou” aos anjos caídos? O uso do verbo *kēryssō* é importante. Embora geralmente seja traduzido como “pregar” e esteja ligado à ideia de proclamação do evangelho, significa literalmente “anunciar algo, proclamar notícias”,¹¹ sejam boas ou ruins. Em português, a Nova Bíblia Viva é mais precisa ao traduzir *kēryssō* como “proclamar”, em 1 Pedro 3:19. Assim, Jesus não visitou os anjos caídos para pregar o evangelho a eles, mas para anunciar-lhes tanto Sua vitória quanto a derrota deles e seu destino iminente.

A esse respeito, é interessante notar um paralelo entre os versículos 19 e 22, destacado pelo duplo uso da palavra *poreutheis* (“Ele foi”). Primeiro, em 1 Pedro 3:19, Jesus “foi” para os espíritos em prisão; então, no verso 22, Ele “foi” para o Céu, a fim de ser entronizado à destra do Pai. Em ambos os casos, referências à ressurreição precedem *poreutheis*. No versículo 19, *zopoiētheis* (“vivificado”) aparece antes de *poreutheis*, enquanto no verso 22, é precedido por *di*

anastaseōs Iēsou Christou (“a ressurreição de Jesus Cristo”).

Então, depois da ressurreição, Jesus fez duas coisas. Primeiro, foi até os espíritos em prisão para anunciar Sua vitória, que selava a perdição deles e, depois, subiu ao Céu para assentar-Se à destra do Pai. Existe uma relação entre os dois eventos. Ao derrotar Satanás e seus anjos, Jesus é exaltado à Sua posição de autoridade como Conquistador: “[Jesus] depois de ir para o Céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (v. 22). Em outras partes do NT, expressões semelhantes a “anjos, e potestades, e poderes” são usadas para se referir aos anjos caídos (por exemplo, Ef 1:21; 6:12; Cl 1:16). Com o inimigo derrotado, Jesus pode agora declarar a Seus discípulos pouco antes de Sua ascensão: “Toda a autoridade me foi dada no Céu e na Terra” (Mt 28:18).

O anúncio de Cristo aos anjos caídos também ajuda a explicar Apocalipse 12:12, que diz: “Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta.” Satanás sabe que tem pouco tempo porque Jesus já declarou sua derrota e condenação.

Conclusão

O texto de 1 Pedro 3:18 a 22 é um encorajamento para os crentes que sofrem por causa de sua fé em Jesus. O apóstolo assegura a seus leitores que, embora Cristo tenha sofrido e morrido, ressuscitou dentre os mortos, proclamou Seu triunfo a Satanás e seus anjos, subiu ao Céu e foi entronizado à destra do Pai, como Vencedor. Por meio de Sua vitória, Jesus também pode salvar aqueles que confiam Nele e ajudar Seus seguidores, você e eu, em nossas próprias angústias. O sofrimento e a morte de Cristo e Sua vitória sobre os poderes do mal é um forte convite para que morramos para o pecado e vivamos de acordo com a vontade de Deus, mesmo em meio a grandes provações (1Pe 4:1-3). **M**

Referências

- ¹ Ver Uwe Holmer, *Primeira Carta de Pedro* (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2008), p. 212.
- ² Ver Ervin Ray Starwalt, “A discourse analysis of 1 Peter” (tese de doutorado, Universidade do Texas, 2005), p. 125, 126.
- ³ Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), v. 7, p. 629.
- ⁴ Starwalt, “Discourse Analysis,” p. 127.
- ⁵ Robert Henry Charles (ed.), *The Pseudepigrapha of the Old Testament* (Oxford: Clarendon Press, 1913), v. 2, p. 191-199. Ver também *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Día* (Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1996), p. 592-594.
- ⁶ Ver Reinaldo W. Siqueira, “The sons of God in Genesis 6:1-4”, *Kerygma* 1, n. 2 (2005), p. 37-47.
- ⁷ Juan Carlos Pizarro, “Los espíritus encarcelados en 1 Pedro 3:18-20” (dissertação de mestrado, Universidade Adventista del Plata, 1992), p. 58-61.
- ⁸ Daniel B. Wallace, *Greek Grammar Beyond the Basics* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 1996), p. 372-375.
- ⁹ Mt 8:16; 10:1; 12:45; Mc 1:27; 3:11; 5:12, 13; 6:7; Lc 4:36; 6:18; 7:21; 8:2; 10:20; 11:26; At 5:16; 8:7; 19:12, 13; 1Co 12:10; 1Jo 4:1; 1Tm 4:1; Hb 1:14; Ap 16:13, 14. A palavra também se refere três vezes ao espírito dos profetas (1Co 14:32; 1Jo 4:1; Ap 22:6 [texto grego]), quatro vezes ao Espírito de Deus (Ap 1:4; 3:1; 4:5; 5:6) e uma vez ao espírito dos justos (Hb 12:23).
- ¹⁰ “O próprio Satanás, que tinha sido obrigado a permanecer no meio dos elementos em fúria, temeu pela sua existência. Ele se havia deleitado em dirigir uma raça tão poderosa, e desejara que vissemos para praticar suas abominações e continuar com sua rebelião contra o Governador do Céu. Agora proferia imprecizações contra Deus, acusando-O de injustiça e crueldade.” Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 99, 100.
- ¹¹ Timothy Friberg, Barbara Friberg e Neva F. Miller, *Analytical Lexicon of the Greek New Testament* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2000), p. 230.



Gentileza do autor

Edcarlos Menezes, doutorando em Teologia, é pastor em Cuiabá, MT



Gentileza do autor

Kim Papaioannou, doutor em Teologia, é pastor no Chipre



“Não podemos encontrar o Deus da Bíblia sem seguir a Bíblia de Deus.”

Erickson Fabien



“O Sermão da Montanha contém alguns dos versos mais conhecidos das Escrituras, mas nem sempre os mais praticados.”

Douglas Morgan



“Uma igreja sem missão, logo será uma igreja sem ação.”

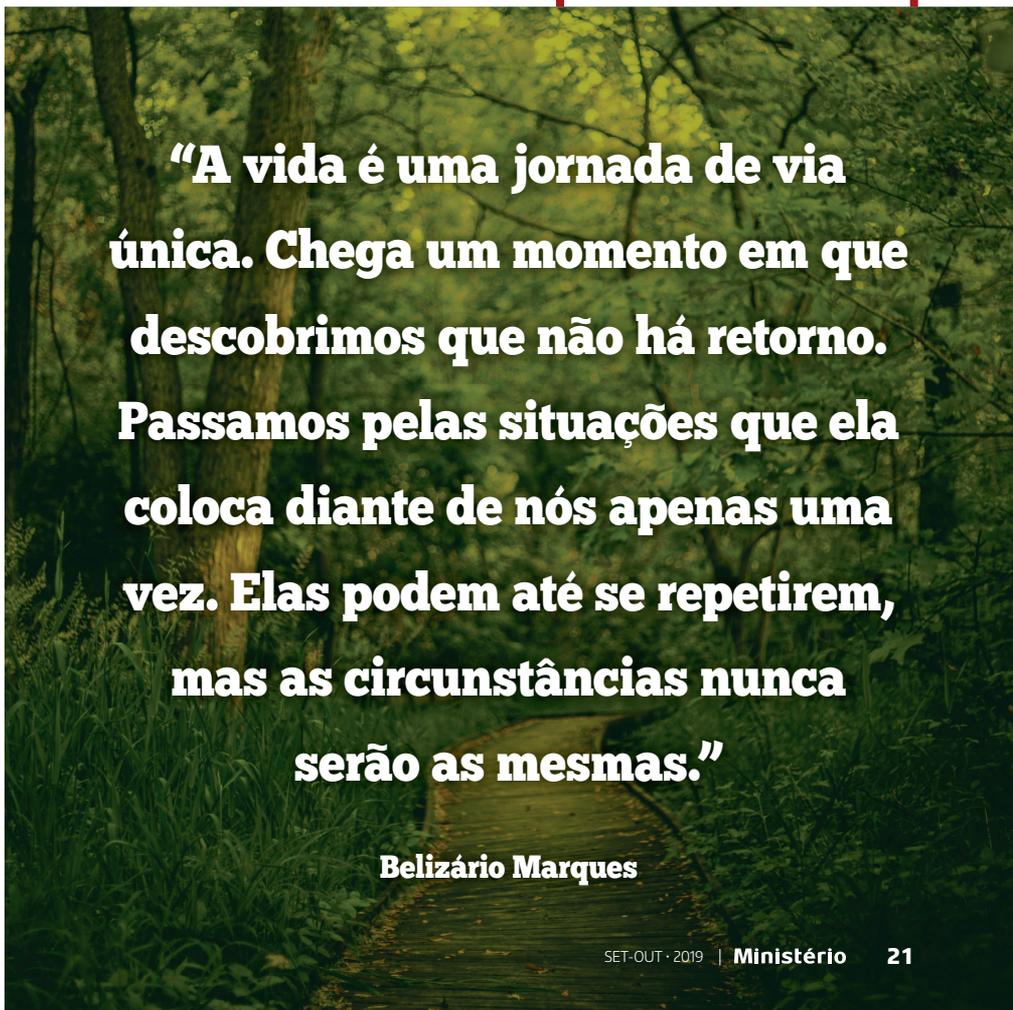
George Whitsett



“A saúde de uma igreja não pode ser medida pela ausência de conflitos. Uma igreja saudável é aquela que aprendeu a lidar com eles.”

Ernst Janzen

Stephan Cassara | Unsplash, Wikimedia Commons, Divulgação



“A vida é uma jornada de via única. Chega um momento em que descobrimos que não há retorno. Passamos pelas situações que ela coloca diante de nós apenas uma vez. Elas podem até se repetirem, mas as circunstâncias nunca serão as mesmas.”

Belizário Marques

Mais do que dinheiro

A mordomia cristã em seus aspectos mais amplos

LeRoy E. Froom

A cobiça é um dos inimigos mais terríveis do homem. A maldição das riquezas trouxe mais sofrimento à raça humana do que talvez qualquer outra coisa. Ela inspirou os atos mais baixos da história. Impérios foram destruídos, nações arruinadas, continentes mergulharam nas guerras mais devastadoras e pessoas se envolveram em disputas amargas, não por causa da pobreza extrema, mas do abuso injusto e perverso do dinheiro.

Na Bíblia, a cobiça é tratada como um dos pecados mais condenáveis. O décimo mandamento lida exclusivamente com ela, sinalizando-a como um dos adversários mais difíceis da vida. Acã (Js 7), Geazi (2Rs 5:20-27) e Ananias e Safira (At 5:1-11) são exemplos de que Deus não deixará impunes aqueles que cobiçarem e

se apropriarem do que Lhe pertence. No entanto, milhares de pessoas estão retendo e usando habitualmente o dinheiro do Senhor.

Para alguns, no contexto cristão, a questão do dinheiro é um tema delicado. Quando um pregador fala sobre isso, está sujeito a ser criticado por aqueles que clamam pelo “evangelho”. Contudo, se esse assunto não for incluído no evangelho, então Jesus passou uma grande parte de Seu tempo pregando e ensinando algo equivocado. Além disso, uma grande porção do Novo Testamento apresenta um tema estranho à essência de sua mensagem. O cristianismo prático requer uma discussão sobre o dinheiro. Com frequência, essa é a prova de fogo de toda nossa vocação.

Podemos supor que Cristo Se limitaria a discursos sobre fé, esperança e amor. Entretanto, muitos se surpreendem ao saber o quanto Ele tinha a dizer sobre o uso correto ou incorreto dos bens ou dinheiro. Esse foi o tema da maioria de Suas parábolas e Seus sermões.

Jesus e o dinheiro

Logo no início do Seu ministério, no Sermão do Monte (Mt 6), Jesus fez algumas afirmações importantes relacionadas às riquezas. Por exemplo: “Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra” (v. 19); “Ninguém pode servir a dois senhores” (v. 24); “Não andeis ansiosos [...], quanto ao que haveis de comer ou beber” (v. 25); “Buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino [...], e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33).



Em Mateus 19:16 a 22, o evangelista narra o encontro de Jesus com o jovem rico. Note as palavras: “Vende os teus bens, dá aos pobres [...]; depois, vem e segue-Me” (v. 21). O problema é que o jovem rico não se considerava um mordomo, mas o dono. Se ele tivesse a visão correta, não teria sido difícil se separar do dinheiro do Senhor. É evidente que Jesus não queria os bens dele, mas sua salvação. “Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!” (Mc 10:23).

Quando Cristo terminou de falar com o jovem rico, Pedro perguntou: “Que será, pois, de nós?” (Mt 19:27). Jesus lhe assegurou uma recompensa centuplicada e a vida eterna. Em seguida, em Mateus 20, está a parábola dos trabalhadores da vinha; em Mateus 21, a parábola dos lavradores maus; e em Mateus 22, os fariseus buscam testar a Jesus quanto aos impostos e dízimos. Ele respondeu: “Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” (Mt 22:21). Dessa forma, Cristo reconhece o direito de o Estado tributar o cidadão. Fica evidente que Ele Se refere ao dízimo, quando menciona nosso relacionamento com Deus na mesma frase.

Em Mateus 23, Jesus condena os dizimistas literalistas que violam grosseiramente todo o espírito do dízimo. Em Mateus 25 encontramos a parábola dos talentos. O Mestre repete o princípio vez após vez, de que Deus atribuiu esses talentos em confiança, e somos responsáveis para com Ele. Em Marcos 12, Jesus Se assentou a certa distância do gazofilácio e apresentou a lição da viúva pobre. Em Lucas 12:15, Ele afirma: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui.” Na sequência, no contexto da parábola do rico insensato, conclui: “O que tens preparado, para quem será?” (v. 20).

Em Lucas 16, encontra-se a parábola do mordomo infiel. Aqui está o ponto-chave: mordomo dos bens de Deus! Como fazer essa leitura sem ficarmos profundamente impressionados de que não há somente

perigo nessa questão monetária, mas abundante orientação e ajuda? De fato, existem referências sobre mordomia por toda a Bíblia, de Gênesis ao Apocalipse.

Corretamente entendido e praticado, dizimar é um ato de adoração tão essencial quanto a oração. Adoração é o ato de doar-se para Deus. Dinheiro também é, em certo sentido, uma parte de nós. O salmista pergunta: "Que darei ao SENHOR?" (Sl 116:12). A resposta é: louvor, adoração, culto, coração, vida e dinheiro. Tal reconhecimento é nada menos que um ato de adoração.

O ponto essencial não é o dízimo, mas o dizimista; não é a dádiva, mas o doador; não é o dinheiro, mas o ser humano; não são as posses, mas o proprietário. Declarar não é suficiente. A prática precisa andar com o testemunho. A consagração precisa ser cuidadosamente observada para averiguar se é legítima ou não. E o dízimo é a forma mais concreta, pessoal, prática, proporcional e poderosa de reconhecimento do patrimônio de Deus e da administração humana idealizada desde a criação do mundo.

Mordomia e Pentecostes

A mordomia era bastante realista durante o período da chuva temporã. Por ocasião da chuva serôdia, a mordomia estará novamente destinada a tomar seu devido lugar. Quando o Espírito Santo desceu no Pentecostes para habitar nos discípulos, assumiu o comando e o controle completo da vida deles. Nada deveria estar fora de Sua inspiração e direção. Concluímos que as posses dos discípulos e seus gastos financeiros estavam sujeitos a Ele. Tudo era controlado pelo Espírito Santo e governado por esse princípio. A salvação não seria adequada nem completa se não proporcionasse libertação do poder maligno do dinheiro.

A lição do Pentecostes é a garantia de que quando o Espírito Santo habita em Sua plenitude no coração, as posses terrestres perdem o primeiro lugar, e o dinheiro é valorizado apenas como prova de nosso amor a Deus e do serviço ao semelhante.

Assim, exercitamos nossa fé quando devolvemos nosso dízimo a Deus tanto quanto o fazemos quando observamos o sábado. Não podemos servir a Deus e ao dinheiro, mas podemos servir a Deus com nosso dinheiro. A queixa atual de que há falta de dinheiro para a obra do Senhor é uma evidência da medida limitada do conhecimento do Espírito Santo em nosso meio.

O verdadeiro Proprietário

Vamos deixar a discussão financeira para rever os princípios que são o alicerce da mordomia. Pense mais uma vez na propriedade de Deus. O mundo é do Senhor, porque Ele o criou. Assim, Ele tem o domínio sobre todas as coisas. Por sua vez, ao ser humano cabe zelar por suas posses, sabendo que não tem domínio absoluto sobre elas. Dessa maneira, o ato de dizimar indica se nós reconhecemos que somos apenas mordomos ou agimos como proprietários.

A vida é um dom de Deus. Sem Ele nada podemos fazer. Não podemos produzir nem ganhar algo sem a cooperação contínua do Criador. Cada ser humano que vem ao mundo está em dívida com o Senhor e é dependente de Sua generosidade. Vivemos no tempo Dele e negociamos com Seu capital, provido sob a condição de que Ele receba a décima parte, em primeiro lugar, e seja o credor principal. Então, dizimar é um reconhecimento do domínio de Deus em Seus próprios termos. Essa é a verdadeira filosofia cristã sobre o dinheiro e a propriedade. Se eu me tornar infiel, violarei a confiança que posuo, serei um inadimplente e perderei meu direito à sociedade com Deus.

Esse reconhecimento da soberania de Deus se torna uma tremenda força espiritual, porque eu conscientemente me submeto a Ele como parceiro por toda vida, e Seu amoroso cuidado está constantemente diante de mim. Assim, o dízimo se torna o que deveria ser, uma questão do coração, enquanto a mordomia faz da vida um chamado sagrado.

Mordomos de Deus

A palavra mordomo vem do grego, *oikonomos*, e dá origem ao termo economista, em português. Um mordomo é responsável por administrar os interesses de seu senhor na ausência dele. Não se trata de servidão, mas de uma relação de amizade e confiança. Abraão, que devolveu o dízimo, foi chamado de amigo de Deus (Is 41:8), enquanto "o servo não sabe o que faz o seu senhor" (Jo 15:15).

A propriedade de Deus, que implica a mordomia humana, traz consigo responsabilidades solenes e prestação de contas. Ao devolvermos o dízimo, em primeiro lugar, reconhecemos nosso dever benéfico, pessoal, periódico e primário em relação a Ele. Deus não precisa de nosso dízimo. Em realidade, as dez partes podem ser requeridas por Ele, conforme quiser. Mas a prática do princípio é necessária ao ser humano. O Senhor não quer nosso dinheiro, mas nossa afeição, nossa convicção e nossa confiança Nele.

O benefício do dízimo

O Senhor nunca estabelece uma lei que não seja para o benefício humano. O dízimo não é uma exceção. Não é para o benefício de Deus, mas para o nosso. Se não fosse para o desenvolvimento de nosso caráter, Ele não o teria ordenado. Como sabemos, "o sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado" (Mc 2:27). Da mesma maneira, o dízimo foi feito por causa do ser humano, e não o ser humano por causa do dízimo.

A mordomia entrou em ação no instante em que Adão foi feito "alma vivente" por seu Criador. Portanto, ela não tem origem na promulgação da lei. Se Adão fosse o único ser humano, ainda seria responsável perante Deus. É redundante dizer que todas as leis divinas existem para a felicidade plena de Suas criaturas. Cada "não" do Decálogo tem como pano de fundo a necessidade básica de fazer apenas o que é ordenado. As leis de Deus não criam deveres, elas os definem. Dessa forma, toda lei moral

é necessária antes de sua promulgação. Assim é o fundamento eterno da mordomia.

Um detalhe importante em relação à mordomia é que a devolução do dízimo não nos dá o direito de usar o restante como acharmos melhor. Ao fornecer os motivos que governam tanto o adquirir quanto o doar, a mordomia afeta todo o uso do dinheiro. Por isso, ela é muito mais profunda do que o dízimo, pois abrange toda a vida. Requer a plena consagração a Deus, fazendo em todas as áreas da vida o que Cristo requer, reconhecendo Sua propriedade e domínio em todos os momentos. Isso é justificação aplicada e uma demonstração de fé.

Mais do que dinheiro

O princípio de que a consagração pessoal venha antes da consagração da riqueza é expresso desta maneira nas Escrituras: “Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor” (2Co 8:5). A doação do dinheiro não substitui a doação de nós mesmos. Assentos reservados no reino dos Céus não são comprados com dinheiro. Pedro disse a Simão, o mago: “O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois julgaste adquirir, por meio dele, o dom de Deus” (At 8:20). Uma oferta liberal de serviço ou dinheiro não é suficiente para cobrir uma consagração deficiente ou inadequada. Por outro lado, se professamos nos entregar, mas retemos nossos bens, estaremos próximos de nos tornar seguidores de Ananias e Safira. Tudo é um sagrado depósito que deve ser mantido ou usado conforme Deus indica. Esse é o ponto crucial da mordomia. Para o ser humano que falhar aqui, significará fracassar em tudo.

Pense por um momento em “ganhar dinheiro”. Nosso tempo é essencialmente voltado à aquisição de riquezas, mais do que em períodos anteriores. Vigiem para que isso não se torne a paixão dominante da vida. Quando isso acontece, o ser humano se torna sórdido, ganancioso e

indiferente para com Deus. Por outro lado, o reconhecimento da mordomia eleva a vida a um nível completamente diferente. “A oportunidade com habilidade faz o dever.” Envolve honestidade e justiça em todas as relações com nossos semelhantes. Não há mordomia correta que não inclua a relação do ser humano com seus semelhantes. Assim, nenhum centavo desonesto será levado ao tesouro de Deus.

Além disso, o reconhecimento de que o Senhor é sobre todos evitará amargura e conflitos entre empregadores e empregados. Dará um caráter honesto a todas as transações comerciais. A vida não será dividida entre secular e sagrada. Nosso negócio será tão sagrado quanto consideramos uma reunião de oração, e será conduzido no temor de Deus.

Novamente, nossos dias são de acumulação de riquezas. Quanto mais as pessoas têm, mais querem. Existe, obviamente, uma grande diferença entre nossos desejos e nossas necessidades. Itens considerados luxos quando o salário é insuficiente tornam-se necessidades aparentes quando a renda aumenta. Sem dinheiro, notamos as necessidades reais. Com dinheiro, temos desejos artificiais. Como mordomos, precisamos vigiar nesta época de consumo selvagem. Extravagância sem justificativa, promoção do orgulho e do egoísmo e apoio aos apetites de nossa natureza são pecados de nossa geração.

Conclusão

A mordomia leva à economia, o que é completamente diferente de avareza. “Tempo é dinheiro”, mas o dinheiro, diferentemente do tempo, pode ser poupado. Por outro lado, ambos podem ser gastos de maneira sábia ou insensata. Há um desastre semelhante tanto na avareza gananciosa quanto no desperdício abundante. Os mordomos são tanto representantes como também servos. Devem viver de maneira a manifestar a vontade de seu Mestre. A vida

deles deve ser livre da ostentação. A décima parte de Deus jamais santificará os nove décimos usados em autoindulgência. O dinheiro é o meio supremo que o mundo possui para satisfazer seus desejos. Não somos “do mundo”. Ao usar o dinheiro, devemos demonstrar que não somos guiados por um princípio mundano. Devemos andar como aqueles que “crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5:24).

Uma das maneiras mais eficazes de demonstrar e manter a crucificação da carne é jamais usar o dinheiro para satisfazê-la. Vamos preencher nossa vida com grandes pensamentos sobre o poder espiritual do dinheiro. Assim, a alma se ilumina, o propósito é determinado, elementos prejudiciais são eliminados dos prazeres sociais, a vida empresarial é conduzida sob a regra de ouro e o ganhar almas se torna uma paixão. Essas são as bênçãos abundantes concedidas por Deus em uma vida de fidelidade.

Ser um mordomo é algo solene. Os mordomos devem prestar contas. Todo contador enfrenta a vinda de um auditor. É um assunto sério possuir e administrar a prata e o ouro do Criador de todas as coisas, do Juiz de toda a Terra. Se um empregador retiver o salário de um funcionário é injusto; o que dizer de ser intencionalmente culpado por fraude como mordomo de Deus? Nossa confiança deve ser solene diante das terríveis possibilidades. Contudo, felizes são aqueles que ouvirão as palavras “muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei” (Mt 25:21).

Esses são alguns dos princípios da mordomia humana e da propriedade de Deus. Uma parceria e relacionamento incriveis e uma escola de treinamento para o caráter! **M**



LeRoy E. Froom foi fundador e editor da revista *The Ministry* por 22 anos

A propiciação da ira divina

Isaac Malheiros

Em 2013, a comissão que preparava o novo hinário de uma grande denominação evangélica dos Estados Unidos queria incluir nele a famosa canção contemporânea “In Christ Alone”, de Keith Getty e Stuart Townend. No entanto, para que a canção fosse aceita, os integrantes da comissão queriam que os compositores autorizassem uma mudança na letra: em vez de “até que na cruz, quando Jesus morreu / a ira de Deus foi satisfeita”,¹ sugeriram “até que na cruz, quando Jesus morreu / o amor de Deus foi magnificado”.² A intenção era suavizar a mensagem, retirando a referência à ira de Deus.

Os compositores não autorizaram a mudança, a comissão rejeitou incluir a canção com sua letra original, e o hino não entrou no hinário.³ Segundo a explicação da comissão, relacionar a cruz com a ira divina produziria um efeito negativo, em vez de construir a fé das novas gerações.⁴ Por outro lado, Keith Getty, compositor do hino, levantou a questão: “Por que muitos cristãos se esquivam de qualquer pensamento sobre a ira de Deus?”⁵

Propiciação ou expiação?

Aparentemente, a propiciação é uma doutrina bíblica ofensiva para alguns. Há quem acredite que apenas o conceito de expiação, e não o de propiciação, é aplicável à teologia cristã, pois a morte de Cristo não teve o objetivo de abrandar a ira de Deus.⁶ Livros populares para o público cristão têm apresentado Deus como Alguém incapaz de irar-Se ou de castigar.⁷

Outros tratam expiação e propiciação como sinônimos, apesar de os dois conceitos serem muito diferentes. Como Frank

Holbrook corretamente destaca: “propiciação é uma palavra pessoal; propicia-se uma pessoa. Expiação é uma palavra impessoal; expia-se pecado ou crime”.⁸ Ou seja, propiciar é aplacar a ira, e expiar é corrigir erros.

Os teólogos têm debatido esse tema em torno do significado de palavras hebraicas (*kipper* e outras relacionadas) e gregas (*hilaskomai* e outras relacionadas). Contudo, já ficou demonstrado que essa não é somente uma questão de tradução de palavras, mas de compreensão de um conceito: a propiciação está presente em diversos contextos, mesmo quando essas palavras-chave não são usadas.⁹ A ideia da ira de Deus, que se levanta e resulta em juízo, castigo, destruição e morte,¹⁰ está presente em toda a Bíblia.¹¹ Sua ira santa e justa não é equivalente à ira humana, uma emoção relacionada à natureza pecaminosa (Mt 5:21-26; Gl 5:20; Ef 4:31; Cl 3:8).

A diferença básica entre propiciação e expiação está na intenção. Em linhas gerais, a propiciação torna (ou mantém) a divindade favorável ao adorador, enquanto a expiação faz uma reparação pela ofensa cometida. Em seus efeitos, a propiciação é direcionada primariamente à divindade, e a expiação é direcionada aos atos de quem causou a ofensa à divindade.¹²

A Bíblia apresenta e ensina ambas, expiação e propiciação. E o testemunho bíblico é claro ao descrever como a ira de Deus contra o pecado foi direcionada para Si mesmo (em Jesus Cristo) a fim de que fôssemos poupados. A salvação inclui tanto o perdão e a purificação dos pecados quanto a libertação da ira divina: expiação e propiciação.

Visão distorcida

Teologias mais fundamentadas em sentimentos humanistas do que nas Escrituras têm obscurecido a santa indignação de Deus e desenvolvido teorias mais suaves e mais ajustadas à sensibilidade do ser humano contemporâneo. Entre elas se destaca o *universalismo*: no fim, Deus vai salvar todas as pessoas, quer elas tenham se arrependido ou não.

A ênfase necessária na graça e no amor de Deus não deve esconder o aspecto santo e justo de Seu caráter. Deus é misericordioso e amoroso (Sl 111:4; Lc 6:36; 1Jo 4:8), mas também é um “fogo consumidor” (Hb 12:29) para o pecado, pois “horrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo” (Hb 10:31).¹³

Como destaca John Stott, o pecado não provoca ira em nós mesmos e, por isso, não acreditamos que o pecado provoque a ira de Deus.¹⁴ É preciso tomar cuidado para não selecionar da Bíblia somente o que é confortável, e criar um deus que é apenas a projeção dos nossos sentimentos e conceitos.

Teologias centradas no indivíduo e no seu comportamento também tendem a diminuir a severidade da ira de Deus e a natureza propiciatória da morte de Jesus, uma obra que só Ele poderia ter feito, ao sugerir claramente que seria possível escapar da ira divina apenas imitando Seu exemplo. Quando o ser humano se vê diante de Deus, consciente de sua condição pecadora, ele sente a necessidade de orar como o publicano, “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lc 18:13), e não de proclamar suas obras, como fez o fariseu (v. 11, 12).

e o amor de Deus

A relação entre
expição e
propiciação na
dinâmica da
salvação

Paulo, em sua carta aos Romanos, afirmou que a “ira de Deus se revela do Céu contra toda impiedade e perversão dos homens” (1:18); que o impenitente acumula para si mesmo “ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus” (2:5); e que será recompensado com “ira e indignação” (2:8). O apóstolo afirmou ainda que “a lei suscita a ira” (4:15) e perguntou: “Porventura, será Deus injusto por aplicar a Sua ira?” (3:5).

Felizmente, Paulo também apresentou a solução: somos “justificados gratuitamente [pela graça divina], mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no Seu sangue, como *propiciação*, mediante a fé, para manifestar a Sua justiça” (3:24, 25), e, “sendo justificados pelo Seu sangue [de Cristo], seremos por Ele *salvos da ira*” (5:9). Esse é o quadro completo.

Uma expressão do amor divino

Os críticos da doutrina da propiciação fazem uma caricatura do conceito bíblico. Eles apresentam a imagem de um Deus raivoso que precisa ser apaziguado por um Filho amoroso. Entretanto, essa caracterização não é bíblica, pois não existe distinção entre o propósito do Pai e o do Filho. Pai e Filho amam igualmente e têm a mesma intenção de salvar (1Jo 4:10). Em outras palavras, o próprio Deus faz a propiciação *por causa* de Seu amor (Jo 3:16).

Ellen White declara que “esse enorme sacrifício não foi feito para despertar no coração do Pai o amor pelo ser humano, nem para fazer com que Ele Se dispusesse a salvá-lo. Não! [...] O Pai nos ama, não por causa da grande propiciação; mas Ele proveu a propiciação porque nos ama”.¹⁵ A morte de Cristo “não foi a causa do amor de Deus, mas o resultado desse amor. Jesus morreu porque Deus amou o mundo”.¹⁶ O amor divino oferece o que a justiça divina exige, e Deus é tanto o reconciliador quanto o reconciliado (2Co 5:19). Na cruz, a justiça de Deus e a Sua misericórdia se beijaram.

Para alguns estudiosos da Bíblia, a propiciação é uma doutrina pagã, pois os pagãos ofereciam sacrifícios para acalmar seus deuses. No entanto, apesar da nomenclatura semelhante, há uma diferença teológica entre os conceitos: na teologia cristã, Deus Se sacrificou para aplacar os efeitos de Sua ira. Ele “estava em Cristo reconciliando consigo o mundo” (2Co 5:19).¹⁷

O conceito bíblico de propiciação estabelece que, na cruz, Deus propiciou Sua própria ira, voltando contra Si mesmo Sua indignação, quando “Cristo tomou sobre Si a ira de Deus, que por justiça deveria cair sobre o ser humano”.¹⁸

A propiciação evoca as palavras de Abraão: “Deus proverá para Si o cordeiro para o holocausto” (Gn 22:8, ARC), e a afirmação de Isaías de que “ao Senhor agradou moê-Lo, fazendo-O enfermar” (Is 53:10). É, portanto, uma expressão do amor de Deus por Seus filhos, pois “do Seu próprio amor vem o Dom que os reconcilia com Ele”.¹⁹

No Calvário, Jesus estava “suportando nossa punição – a ira de Deus contra a transgressão”.²⁰ Foi o “senso da ira de Seu Pai” e o “peso esmagador dos pecados do mundo” que tão rapidamente pôs fim à vida de Cristo na cruz.²¹ O caráter propiciatório do sacrifício de Jesus O levou a passar por algo semelhante “ao que os pecadores não de sentir quando os cálices da ira de Deus forem derramados sobre eles”.²²

Conclusão

Propiciação e expiação andam juntas, e o desviar da ira de Deus se deu por meio da expiação.²³ Conceitualmente, o dia da expiação (Lv 16) continha elementos de propiciação e expiação, remoção de pecados e *apacimento* da ira divina. Esses elementos continuam no dia antitípico da expiação. Por isso, a pregação bíblica contemporânea deve conter a séria pergunta: “Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação?” (Hb 2:2, 3).

A Bíblia ensina que justiça implica punição, e essa não é somente a visão do Antigo Testamento (2Pe 2:4-9; Mt 23:29-38; 2Co 5:10, 11).

Se a Bíblia não tem nenhuma dificuldade em vincular o amor de Deus ao conceito impopular de propiciação, nós também não deveríamos ter. Em vez de separar o amor da propiciação é preciso dar a eles o lugar que a Bíblia lhes concede, pois é somente no sacrifício propiciatório e expiatório de Cristo que o amor encontra sua expressão máxima: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que Ele nos amou e enviou Seu Filho como *propiciação* pelos nossos pecados” (1Jo 4:10).

Quando corretamente compreendida, a doutrina da propiciação nos coloca de joelhos e esvazia toda pretensão humana de salvar a si mesmo. À medida que compreendemos a severidade da ira da qual escapamos, e o quanto isso custou ao Pai, convencemo-nos de que não tínhamos a menor chance. Nossa única reação deve ser semelhante a dos anciãos de Apocalipse 4: tirar nossa coroa da cabeça, lançá-la diante do trono e adorar Aquele que vive para todo o sempre (v. 4). **IM**

Referências

¹ Em inglês: “The wrath of God was satisfied”.

² Em inglês: “The love of God was magnified”.

³ Hinário *Glory to God*, Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA). Anteriormente, em 2010, outro hinário já havia publicado o hino com o texto alterado sem a autorização dos compositores. Ver David Music (ed.), *Celebrating Grace Hymnal* (Macon: Mercer University, Celebrating Grace, 2010).

⁴ Ed Thornton, “‘The wrath of God was satisfied’ loses hymn its place in new book”, <<https://is.gd/fgWpXf>>.

⁵ Jim White, “Removal of song from a hymnal because of reference to an atonement theory is drawing the ire of some”, <<https://is.gd/uiVzZd>>.

⁶ “Propiciação é essencialmente um processo pelo qual alguém faz um favor a uma pessoa a fim de torná-la favorável, mas, no NT, Deus nunca é o objeto de propiciação, uma vez que Ele já está do lado das pessoas.” Ver os subdomínios 40.9 e 40.12 em Johannes Louw, Eugene Nida e Rondal Smith, *Greek-English Lexicon of the New Testament: Based*

on semantic domains, (Nova York: United Bible Societies, 1988-1989), v. 1.

⁷ William P. Young, *A Cabana* (Rio de Janeiro: Sextante, 2008.), p. 109, 174, 208.

⁸ Frank B. Holbrook, *O Sacerdócio Expiatório de Jesus Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2002), p. 90.

⁹ Gn 8:21; 1Sm 26:19; Jó 42:7-8; Ez 5:13. Salvo indicação contrária, os textos bíblicos neste artigo são da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição.

¹⁰ Êx 32:14, 30; Nm 25:13; 2Sm 21:1-14; 2Rs 24:1-4; Sl 106:30; Lm 3:42-47; Dn 9:7-19.

¹¹ Para um estudo mais profundo sobre a ira de Deus, ver Emilson dos Reis, *A Ira de Deus no Mundo dos Homens* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017).

¹² David Hill, *Greek Words and Hebrew Meanings: Studies in the semantics of soteriological terms* (Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2000), p. 23.

¹³ “A mim pertence a vingança; Eu retribuirei. E outra vez: O Senhor julgará o Seu povo” (Hb 10:30). Por isso, devemos servi-Lo “de modo agradável, com reverência e santo temor” (Hb 12:28).

¹⁴ John Stott, *A Cruz de Cristo* (São Paulo: Vida, 1991), p. 98.

¹⁵ Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 13, 14.

¹⁶ Ellen G. White, “Ye Are Laborers Together With God”, *The Review and Herald*, 2/9/1890.

¹⁷ Segundo Holbrook, a morte de Cristo “jamais foi o *apacimento* da ira do Pai na forma como os pagãos aplacam seus deuses. Ao contrário, Sua morte foi o meio pelo qual o Deus triúno decidiu aplacar ou sufocar a ‘ira’ divina de uma forma coerente com Sua santidade e que, ao mesmo tempo, tornasse possível a salvação de pecadores arrependidos”, p. 90.

¹⁸ Ellen G. White, *No Deserto da Tentação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 24.

¹⁹ Ellen G. White, *Profetas e Reis* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 685.

²⁰ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), v. 3, p. 132.

²¹ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010), v. 1, p. 228.

²² *Ibid.*, p. 229.

²³ Ellen G. White, *Carta 91*, 30/1/1895. Ela cita Hb 2:17 na versão King James e completa o argumento: “[...] ‘para fazer reconciliação pelos pecados do povo’ por meio da *expiação*.”



Isaac Malheiros, doutorando em Teologia, é pastor do Instituto Adventista Paranaense

Apelo inusitado



Cortezia do autor

Algumas vezes já me perguntei se era a boa oratória, o conhecimento intelectual ou a sensibilidade no falar que eram os fatores-chave para “convencer” as pessoas a aceitar Jesus. Contudo, por meio de várias situações, entendi que é o poder do Espírito de Deus quem realiza essa obra, não o homem.

O distrito no qual tenho o privilégio de servir à igreja tem um grupo chamado Belém. Para chegar até ele, preciso caminhar quase duas horas. Essa comunidade fica no meio da selva, e as casas ficam muito distantes umas das outras. Ao visitar a irmandade, sempre passei por uma curva onde se encontra uma casa isolada, na qual

vive um homem solitário, com aparência de não ter muitos amigos. Nas oportunidades em que conseguia cumprimentá-lo, recebia apenas um aceno com a cabeça como resposta.

Perguntei sobre aquele homem aos membros da igreja e soube que há muitos anos ele havia participado de alguns de nossos cultos, mas se afastou. Descobri também que sua nora e dois filhos pequenos dela iam à nossa congregação de vez em quando.

Certo sábado, havia um batismo programado para ser oficiado no rio que cruza aquela região e, para chegar até o local, deveríamos fazer uma grande caminhada. No trajeto, teríamos que passar pela casa daquele homem. Ao chegar próximo da humilde habitação, vi aquele senhor sentado e disse aos irmãos que me acompanhavam que o convidaria para participar dos cultos. Foi então que sua nora falou: “Pastor, ele já conhece a Bíblia, a igreja e a Deus, só falta ser batizado. Faça um apelo para que ele aceite o batismo!” Respondi que seria melhor visitá-lo com calma e começar um estudo bíblico antes que ele fosse batizado, mas meus companheiros de caminhada insistiam com a ideia. A situação era estranha, pois, como poderia fazer um apelo para batismo a alguém que não conhecia nem sabia o nome?

Quando nos aproximamos, dirigi-me a ele para cumprimentá-lo. Antes, porém, de eu falar algo, o homem se adiantou, dizendo: “Você é o pastor, não é?” “Sim”, respondi. Então, ele me perguntou: “O que você tem para me dar de presente? Algum folheto? Alguma revista? Algum livro?” Revirei a pasta que levava comigo a fim de encontrar algo que pudesse lhe dar, mas, infelizmente, não tinha nada além de itens pessoais. Nesse momento, lembrei-me das

vozes insistentes que diziam “faça um apelo para que ele aceite o batismo” e falei: “Veja, neste momento não tenho nada para lhe dar, mas quero lhe oferecer algo melhor. Quero convidá-lo para ser batizado.” Ele me olhou fixamente e respondeu: “Você quer me batizar? Tem certeza?” Por um momento pensei que ele havia ficado irritado com o convite, mas, na sequência, disse-me: “Está bem. Vou mais tarde.” E entrou em casa. Os irmãos que me acompanhavam insistiam para que ele fosse conosco, pois tinham dúvidas se aquela resposta não havia sido dada por impulso.

Quando chegamos ao rio preparamos tudo para a cerimônia batismal. Imaginem nossa surpresa quando vimos o homem descendo com uma mochila, na qual tinha uma roupa para o batismo, uma revista que havia recebido de presente há muito tempo, um hinário antigo e desgastado e uma Bíblia bem conservada. Aproximei-me dele e disse: “Você veio!” E ele me respondeu: “Sim, porque hoje é o meu batismo!” Depois da programação, um membro da igreja me perguntou o que eu havia dito àquele homem para “convencê-lo” a ser batizado. Eu apenas respondi: “Deus é quem convence, não o homem.”

Assim como o senhor Fortunato entregou sua vida a Deus, há muita gente que necessita que nós, como servos de nosso Pai, demos um “empurrão”, a fim de que tomem decisões para a vida eterna. Entendi que há muita gente esperando receber um presente, um folheto, uma revista ou um livro. Não somente isso: há muita gente esperando receber a graça e a misericórdia que são presentes que só o Senhor pode dar. **M**

Oscar Daza Montaño é pastor em Coroico, Bolívia

Chaves para o crescimento

Os ingredientes fundamentais
para a expansão da igreja

Heber Toth Armí

BÍBLIA SAGRADA

BÍBLIA
SAGRADA



O cristianismo nasceu com um pequeno grupo de pessoas simples da Palestina do primeiro século. No entanto, em pouco tempo, elas impactaram todo Império Romano. Ao longo da história, a igreja adquiriu recursos e desenvolveu estratégias para alcançar crescimento numérico e cumprir a missão, algo que pode ser facilmente constatado em livros e sites que se dedicam ao assunto.

Contudo, apesar disso, o fato é que Jesus não voltou e ainda estamos aqui. Isso deve nos levar a refletir em algumas perguntas: Atualmente a igreja está avançando territorialmente mais do que nos dias apostólicos? Ela cresce numericamente mais rápido do que em seu início? É mais ativa hoje do que em seu nascimento?

Ao observar os primeiros capítulos da história do cristianismo, algumas verdades devem nos fazer repensar nossas estratégias de crescimento de igreja.

Consagração e crescimento

Jesus havia morrido e ressuscitado. A solução para a perdição humana estava assegurada. Logo, a mensagem da redenção deveria ser pregada urgentemente. No entanto, o próprio Cristo, o maior interessado na salvação da humanidade, não enviou Seus discípulos imediatamente para a missão após Sua vitória sobre o diabo, o pecado e a morte. Por 40 dias, o Mestre permaneceu com eles (At 1:3). Ao subir aos Céus, pediu que, antes de saírem para proclamar o evangelho, “não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse Ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias” (At 1:4, 5).

A igreja apostólica saiu para cumprir sua missão somente depois de ser revestida de poder (At 2). Isso parece refletir a experiência de Jesus, que só começou Seu ministério após 40 dias de consagração (Lc 3:21, 22; 4:1, 2, 14, 15). Os primeiros discípulos permaneceram 40 dias sendo discipulados por Cristo após a ressurreição e dez dias no cenáculo, onde unânimes na comunhão por meio da oração, esperaram o poder do Espírito Santo. Ali acertaram as diferenças, refletiram

sobre suas crenças e reavaliaram suas práticas, até serem revestidos com o poder divino.¹ O que poderia parecer um atraso para o início da missão evangélica foi a estratégia de Cristo para que ela tivesse sucesso. Isso ficou evidente no resultado do primeiro sermão, que levou quase 3 mil pessoas ao batismo (At 2:41).

O crescimento demonstrado no Pentecostes não ficou restrito a essa ocasião. Em pouco tempo, a igreja chegou a 5 mil membros (At 4:4). Logo eram tantos os que criam no Senhor, que os cristãos foram identificados como uma “multidão”, em um movimento que “crescia mais e mais” (At 5:14). Em Atos 6:7, Lucas afirma que “crescia a Palavra de Deus e em Jerusalém se multiplicava rapidamente o número dos discípulos, e também muitíssimos sacerdotes obedeciam à fé”.

Em seguida, o relato mostra que não era só o número de discípulos que aumentava. Igrejas também se multiplicavam fora de Jerusalém (At 9:31). Dependentes do poder do Espírito, elas “eram fortalecidas na fé, e dia a dia, aumentavam em número” (At 16:5). Em poucos anos, milhares de judeus creram e se uniram à comunidade de fé (At 21:20). Essa explosão numérica ocorreu pelo poder sobrenatural do Espírito Santo que agia nos cristãos. Isso porque a igreja recém-nascida não ousou cumprir a missão que Cristo lhe deu antes de ser revestida do poder celestial. Assim, o evangelho foi pregado “em todo o mundo”, “a toda criatura debaixo do céu” (Cl 1:6, 23). Em três séculos, o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano.²

Evidentemente, essa jornada não foi feita sem obstáculos e oponentes.³ Embora perseguições, prisões e humilhações procurassem frustrar o crescimento do cristianismo (At 4:1-22), o movimento preservou seu compromisso com a oração e ousadia na pregação. O resultado? “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e, com intrepidez, anunciavam a Palavra de Deus. Da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (At 4:31, 32). Em vez da perseguição frustrar a igreja, a igreja frustrou a perseguição; pois, “com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus” (At 4:33).

O crescimento da igreja atraiu todo tipo de pessoas, inclusive hipócritas. Com perfil aparentemente generoso, um casal fingido, Ananias e Safira, morreu ao usar a tática do pai da mentira na igreja que prega a verdade (At 5:1-10). Depois que eles morreram, “sobrevieio grande temor a toda a igreja e a todos quantos ouviram a notícia destes acontecimentos” (At 5:11). Contudo, em vez do temor inibir o crescimento, o versículo 14 informa que “crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto de homens como de mulheres, agregados ao Senhor”. Humilhação, perseguição, prisão ou hipocrisia, nada conseguiu limitar a força missionária da igreja. Qual o segredo? Oração e pregação com o poder do Espírito Santo.

Outra situação quase tirou o foco dos apóstolos. “Ora, naqueles dias, multiplicando-se o número dos discípulos houve murmuração dos helenistas contra os hebreus” (At 6:1). Percebendo, porém, qual poderia ser o resultado desse conflito, rapidamente os apóstolos procuraram pessoas competentes e declararam: “quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra” (At 6:4).⁴ Assim, “crescia a Palavra de Deus [...] e se multiplicava o número dos discípulos” (At 6:7).

Ellen White deixou clara a importância da oração ao dizer que “as maiores vitórias da igreja de Cristo, ou do cristão em particular, não são as que são ganhas pelo talento ou educação, pela riqueza ou favor dos homens. São as vitórias ganhas na sala de audiência de Deus, quando uma fé cheia de ardor e agonia lança mão do braço forte do Todo-poderoso.”⁵ Para os cristãos apostólicos, isso não era retórica, era parte integrante da vida.

De volta aos fundamentos

Os tempos mudaram. Milhões de pessoas professam o cristianismo ao redor do mundo. No Ocidente, na maior parte dos países há liberdade religiosa. Comparado

ao período apostólico, os cristãos têm uma grande quantidade de recursos humanos, comunicacionais e financeiros. O dinamismo visível na igreja atual revela que ela está fazendo tudo o que humanamente está ao seu alcance. Contudo, apesar desses pontos favoráveis, a realidade é que a igreja não está crescendo o quanto gostaríamos. Por que não temos tanto êxito como os apóstolos?

Talvez, uma tentação para os cristãos seja enxergar a igreja do mesmo modo que se vê uma empresa.⁶ Ambas têm desafios, obstáculos, problemas e limitações. Para superá-los, porém, as empresas investem em consultoria, capacitação, recursos financeiros, comissões, planejamentos e gestão de carreira. E quanto à igreja? Sem desprezar as facilidades que as ferramentas humanas podem oferecer, é fato que ela precisa, antes de qualquer coisa, do Espírito Santo.

Os métodos de liderança, institutos de pesquisas, de crescimento, consultorias, *coachings* e tantas outras metodologias que criamos podem promover algum crescimento. Mas, isso é suficiente? Quanto, de fato, podemos crescer sem o poder divino? Se não atentarmos para a essência da questão, corremos o risco de, no futuro, ser levados a entender que tudo não passou de tentativas frustradas de substituição do poder celestial por nossas estratégias limitadas.

No contexto do grande conflito, é impossível aos seres humanos ampliar as fronteiras do reino na quantidade e qualidade esperadas por Deus; por isso, Jesus determinou que Seus discípulos não se ausentassem de Jerusalém até serem cheios do Espírito Santo. A lição é clara! Sem Ele, a igreja pode ter todos os recursos possíveis, mas não terá o poder necessário para realizar o que precisa ser feito.⁷ Sem Seu poder, a igreja será guiada por estratégias humanas e, dessa maneira, os resultados serão apenas humanos. Portanto, se quisermos resultados

sobrenaturais, devemos adotar estratégias espirituais: a consagração por meio da oração e ousadia na pregação da Palavra, como resultados do batismo do Espírito Santo.

Dessa maneira, pelas evidências encontradas no livro de Atos, a igreja avança mais sem prata, ouro, tecnologia, títulos, cultura e influência estando cheia do Espírito Santo do que possuindo recursos humanos, tecnológicos e financeiros, mas desprovida do poder celestial. Por conseguinte, nossas reuniões eclesiais só serão plenamente efetivas se, antes de mais nada, dedicarem-se a convocar os fiéis à consagração pela oração, submissão à liderança do Espírito Santo e busca por reavivamento baseado nas Escrituras.

Em síntese, o avanço sobrenatural da igreja independe de métodos naturais elaborados pelo intelecto humano, por mais sofisticados que sejam. Depende, sim, do poder divino acessível à igreja por meio do Espírito Santo, atuando na vida de cada um de seus membros. Portanto, quando permitirmos que Ele opere por intermédio de nós, certamente o resultado será sobrenatural, e o crescimento, excepcional! **IM**

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006), p. 36.
- ² Earle E. Cairns, *O Cristianismo Através dos Séculos* (São Paulo: Vida Nova, 2008), p. 73-135.
- ³ Cairns, p. 23.
- ⁴ Hernandez D. Lopes, *Atos* (São Paulo: Hagnos, 2012), p. 133-139.
- ⁵ Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014), p. 203.
- ⁶ Glenn E. Wagner, *Igreja S/A* (São Paulo: Vida, 2003), p. 23-26.
- ⁷ Kwabena Donkor, “O Espírito Santo e a Missão da Igreja”, em Reinaldo W. Siqueira e Alberto R. Timm, *Pneumatologia* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017), p. 593-608.



Heber Toth Armí, mestre em Teologia, é pastor em Osório, RS

Diga-nos o que achou deste artigo: Escreva para ministerio@cpb.com.br ou visite www.facebook.com/revistaministerio

Além do que se vê

Foi uma noite angustiante. Eu não havia conseguido dormir, confuso em meus pensamentos. O dia amanheceu e eu estava decidido. Restava-me agir. Após me vestir, conferi se a credencial ministerial estava em meio aos documentos e me dirigi à sede administrativa da igreja em minha região. Sem explicação, joguei minha credencial sobre a mesa do presidente do Campo, pedindo desligamento do ministério. Eu amava meu trabalho, era minha vida, mas não podia continuar sendo hipócrita, pregando o que eu não vivia.

“Não quero mais permanecer no ministério!” exclamei. Ele quis saber o porquê. Falei-lhe então sobre o dilema que estava vivendo. Eu era conselheiro familiar, pregava frequentemente sobre família e realizava encontros de casais; no entanto, meu relacionamento conjugal estava estagnado. Minha vida matrimonial não tinha progresso. E pior, também não percebia mudança nas famílias das minhas igrejas.

Depois de conversarmos, o presidente não aceitou minha credencial e disse acreditar que Deus mostraria uma solução. Que bom que ele não aceitou! Pouco tempo depois, tive um sonho que mudou radicalmente meu ministério e salvou meu casamento. Sonhei que estava retornando da Universidade Andrews, nos Estados Unidos, e, no aeroporto, encontrei um amigo que perguntou de onde eu estava vindo e quanto tempo havia ficado por lá. O sonho foi tão real que pensei: “A solução pode estar aí”.

Contei à minha esposa e a desafiei para realizarmos esse sonho. Inicialmente a resposta dela foi negativa. Contudo, após orar pedindo a orientação divina, ela concordou. Quão grande foi minha surpresa quando vi a lista preparada por ela de tudo o que iríamos precisar fazer, incluindo a venda dos nossos pertences. No início de



Fizkes | Adobe Stock

1998 chegamos à Universidade Andrews, em meio a um rigoroso inverno. Esse foi nosso ponto da virada.

Ali Deus nos mostrou que precisávamos depender totalmente Dele e conhecer intimamente a nós mesmos. Era um contexto diferente. O Senhor usou situações cruciais para produzir em nós a percepção de que a maioria dos problemas que enfrentávamos não tinha nada que ver com nosso casamento, mas com a história de vida que trazíamos. Logo, romper os laços não era a solução. O problema não estava neles, mas em nós. Quando discutíamos a respeito do nosso relacionamento, sempre enfatizávamos o comportamento, não a necessidade de mudança de pensamento, que resulta em mudança de comportamento.

Nosso casamento era, em certo sentido, legalista. Havia uma lista de coisas que havíamos nos proposto fazer. Quando uma delas não era realizada, reagíamos levando para o lado pessoal. A grande luta era: “Eu tenho direitos, e você não os está suprindo.” O problema é que, quando se leva para o lado pessoal, o instinto de defesa aparece e perdemos a razão. Quando reagimos, mostramos que estamos presos ao passado, envoltos em pensamentos mentirosos e doentios, que precisam ser substituídos

por pensamentos verdadeiros e saudáveis. A psicóloga Svitlana Samoylenko escreveu: “Com respeito ao mal, sejam crianças; mas quanto ao modo de pensar, sejam adultos (1Co 14:20, NVI)’. Aqui vemos sem qualquer sombra de dúvida, a ideia de que somos responsáveis por aquilo que pensamos. Não somos vítimas dos nossos pensamentos e nossas emoções, mas donos deles! A escolha de pensar é sua, e somente você poderá fazer essa seleção” (*Emoções: Eu Tenho Escolha?*, p. 29).

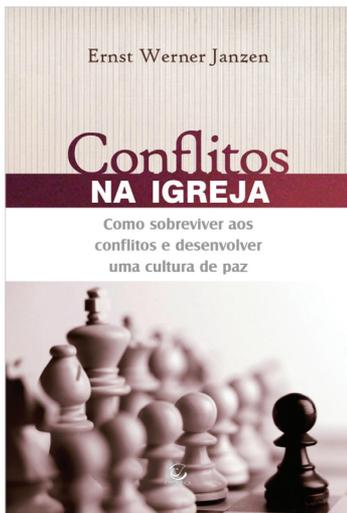
A transformação ocorreu quando nossas histórias foram trabalhadas, quando crenças irreais deram lugar às crenças verdadeiras. Isso mudou nossas ações, e tudo passou a ter sentido.

Querido pastor, não desista do seu casamento. Lute intensamente, identifique seus pensamentos insalubres e permita que Deus os troque por verdades a respeito de quem você é, pois o resultado valerá todo esforço. Assim, “além do que se vê” terá sentido em sua vida e em seu ministério. **M**



Cortezado autor

José Santos Filho, doutor em Ministério, é líder do ministério da Família da Igreja Adventista para o Sul do Brasil



Conflitos na Igreja

Ernst Werner Janzen, Editora Esperança, 2013, 144 p.

Este livro tem como objetivo despertar uma reflexão sobre a natureza dos conflitos na igreja e apresentar alternativas de resposta. Na primeira parte, ele aborda temas que ajudam a visualizar a estrutura dos conflitos na comunidade de fé: Quais são as principais causas? Qual é a função do pastor em meio aos conflitos? Quais são os conflitos que trazem maiores desafios à igreja? A segunda parte apresenta alternativas de soluções para administrar as diversas situações conflitantes.

O importante não é ter o mesmo entendimento sobre os conflitos, mas compreender quão diferentes são as formas como os enxergamos. Reconhecê-los sob perspectivas diferentes pode ajudar a igreja a trabalhar de forma construtiva na resolução deles.



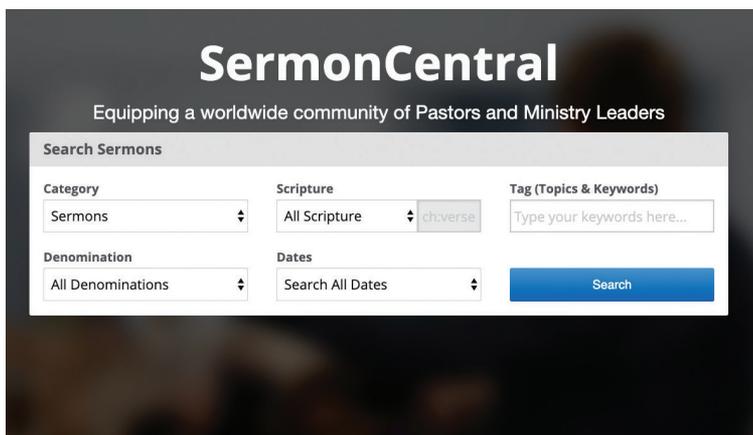
Mediación

Carlos Chimpén e Soledad Sagrado, Universidad Adventista del Plata, 2011, 140 p.

Crises e conflitos fazem parte da experiência humana. Nas relações interpessoais, eles desempenham papel preponderante. Isso ocorre devido à fragilidade e às limitações do ser humano que podem levar as pessoas, mesmo sem querer, a se machucarem, colocando assim em risco a estabilidade, duração e qualidade de seus laços.

As partes envolvidas podem experimentar diferentes emoções, negando ou minimizando o conflito, desculpando ou justificando suas ações. Tudo isso pode gerar rancor e uma escalada interminável de agressões mútuas. No entanto, conflito não é somente sinônimo de prejuízo. Há situações em que pode ser necessário gerá-lo. A mediação oferece um caminho alternativo.

Na primeira parte do livro, os autores discorrem sobre disputa, conflito, violência, arbitragem, conciliação e psicoterapia. Na seção seguinte, destaca-se o papel da comunicação no processo de mediação. Dois capítulos são dedicados às principais estratégias e técnicas de mediação. Na parte final são analisados diferentes contextos de mediação, como a família, a sociedade e o meio ambiente.



Sermon Central

<https://www.sermoncentral.com>

O Sermon Central é uma ferramenta valiosa para quem gosta de pregar. Com mais de 150 mil sermões, ilustrações e materiais disponíveis, é líder mundial em recursos para pregadores. A cada semana, o site recebe 300 novos sermões e ilustrações, e aproximadamente 250 mil líderes de igreja o visitam. Sua plataforma digital permite fácil navegação e acesso aos materiais. Ele oferece três opções de utilização: usuário comum, membro do Sermon Central PRO ou colaborador.

O efeito da comunhão

A Igreja Adventista do Sétimo Dia é um movimento de alcance global. Essa realidade significa que, muitas vezes, é necessário conviver e trabalhar com pessoas de vários contextos culturais e sociais, com diferenças notáveis que dificultam a convivência. Contudo, Deus nos convida a viver em harmonia, compartilhar as bênçãos do evangelho e nos preparar para Seu reino vindouro. Que desafio! Entretanto, a graça divina acompanha a ordem do Senhor.

O Novo Testamento descreve uma comunidade de crentes que viviam em harmonia, apesar de suas diferenças, para cumprir uma missão comum. O conceito, chamado de *koinonia* em grego, e traduzido geralmente pelo termo “comunhão”, indica essa realidade.

No livro de Atos, Lucas mostra que essa *koinonia*, no entanto, não estava isenta de tensões e desafios. Atos 6:1 a 6 narra uma grande preocupação que surgiu acerca da distribuição diária de alimentos para as viúvas na comunidade cristã. Parece que os 12 apóstolos, responsáveis por essa obrigação, provavelmente preferissem algumas viúvas a outras. A lição desse episódio deve ser lembrada com humildade: Até mesmo os líderes mais abençoados, incluindo eu e você, podem cometer equívocos quando se trata de relacionamentos interpessoais.

Os apóstolos não tentaram dar nenhuma desculpa para o erro. Eles foram sinceros e reconheceram a existência do problema. Então, fizeram algo surpreendente: convidaram o grupo que tinha sido prejudicado a participar na busca de uma solução para o transtorno. Foi assim que sete homens foram selecionados para cuidar da distribuição de alimentos às viúvas, tanto judias quanto gregas. Desse modo, os apóstolos renunciaram a uma tarefa de seu ministério para se concentrarem em outras atividades.

A ideia foi excelente e pode ser a chave para resolver com êxito qualquer conflito em uma comunidade cristã. Quando um grupo ou uma pessoa é prejudicado, os responsáveis pelo erro devem reconhecê-lo imediatamente, aproximar-se da parte lesada e convidá-la a participar da busca de uma solução para o problema, a fim de resolver a situação.



Até mesmo os líderes mais abençoados, incluindo eu e você, podem cometer equívocos quando se trata de relacionamentos interpessoais.”

Há muita confiança, graça e amor nesse relato. Os apóstolos perceberam um problema e confiaram em seus irmãos para ajudá-los a encontrar a melhor solução e sugerir a nomeação das pessoas certas para implementá-la. O que surpreende é que os sete homens designados para a distribuição de alimentos eram de origem grega, precisamente o grupo prejudicado. Os apóstolos confiavam neles porque acreditavam que eles também haviam recebido o Espírito Santo e estavam igualmente comprometidos com o bem-estar do povo do Senhor.

Esse pode ser um bom caminho para solucionar algumas tensões que às vezes surgem em nossas igrejas. O que aconteceria se, diante de um conflito, disséssemos honestamente uns aos outros: “Lamentamos que vocês tenham sido prejudicados e pedimos perdão”? Seria melhor ainda se colhêssemos sugestões da parte lesada e nos comprometêssemos a implementá-las efetivamente.

O conceito de unidade é destacado no livro de Atos. No fim do capítulo 2, Lucas descreve como era a igreja apostólica, logo após a experiência do Pentecostes: “Perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão [*koinonia*], no partir do pão e nas orações. [...] Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. [...] Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia de todo o povo” (At 2:42-47).

Sem dúvida, a igreja apostólica experimentou a verdadeira *koinonia*, apesar de suas diferenças. Essa comunhão permitiu que eles tivessem força para encontrar uma solução surpreendente para a tensão que vivenciaram mais tarde. Não acho que ter a mesma visão para a atual comunidade de crentes seja um sonho impossível. Que Deus nos ajude! **M**



Walter Steger, mestrando em Teologia, é editor associado da *Ministério*, edição em espanhol

SUA FAMÍLIA MERECE O MELHOR ALIMENTO ESPIRITUAL

Cesta Básica Espiritual Para 2020

• LIÇÕES



• MEDITAÇÕES



• CURSO DE LEITURA



ACESSE NOSSOS CANAIS DE ATENDIMENTO

HORÁRIO ESPECIAL DE ATENDIMENTO DIA 20/10

CPB LIVRARIAS: das 9h às 17h

SAC: das 8h às 20h*

*Horário de Brasília

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

